

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**Estímulo para a descoberta sobre seu sagrado a partir da estesia (BNCC) e
recortes da História da Arte Ocidental: Um Material Educativo**

Paola Maria Pereira de Oliveira

São José dos Campos/SP
2021

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

**Estímulo para a descoberta sobre seu sagrado a partir da estesia (BNCC) e
recortes da História da Arte Ocidental: Um Material Educativo**

PAOLA MARIA PEREIRA DE OLIVEIRA

Monografia apresentada como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciatura em Artes
Visuais.

Orientadora: Prof. Ma. Jéssica Monteiro Pinto

São José dos Campos/SP
2021

OLIVEIRA, Paola. Trabalho de graduação apresentado à Universidade do Vale do Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais. São José dos Campos/SP. Orientação: Prof. Ma. Jéssica Monteiro Pinto. Apresentação em São José dos Campos, SP, em dezembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha inspiração de vida.

A Paola do passado, que acreditou e se dedicou para que fosse possível essa realização.

Aos meus amados pais, Eliana Antônia Pereira Oliveira e Sebastião de Oliveira que me apoiaram e incentivaram em todos os momentos, acompanhando minha jornada e me ensinando diariamente o valor sagrado de amor verdadeiro e família.

A minha querida irmã Pâmela Bianca de Oliveira, com quem tive as minhas primeiras experiências artísticas e que significaram o começo de algo muito maior, minha dedicação e amor pelas artes visuais. Quando penso em Arte através dela, penso na sacralidade do cuidado.

Ao Rodolfo Ramos, meu melhor amigo e companheiro, por me acompanhar e me ensinar tanto sobre o amor, a vida e sobre o tempo.

A minha querida orientadora Jéssica Monteiro, por ser uma educadora a qual eu admiro e por dedicar seu tempo ao meu trabalho contribuindo de forma única e significativa para quem eu sou e para a conclusão desta fase em minha vida.

“É belo, o que é belo interiormente”
Wassily Kandinsky

RESUMO

O presente trabalho propõe o desenvolvimento de um material didático que proporciona a descoberta do sagrado individual a partir de elementos culturais no cotidiano. Tem como ponto de partida o estudo do sagrado de forma simbólica cultural na cidade de Santa Branca e também se apoia em recortes da História da Arte Ocidental elaborando uma visão ampla sobre a valorização cultural e a diversidade das visões sobre a temática do sagrado.

Palavras-chave: Material educativo. Sagrado. História da Arte.

ABSTRACT

The aim of this research is to develop an educational material that offers the discovery of the individual sacred from cultural elements in everyday life. The research exposes at first, the comprehension of the “sacred” in a symbolic cultural way about the city of Santa Branca and it is also based on excerpts from the History of Western Art, elaborating a broad view on cultural valuation and the diversity of views on the sacred theme.

Key words: Educational material. Sacred. History of Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Brasão de Santa Branca	13
Figura 2 - Indivíduos exumados no Sítio Furna do estrago	22
Figura 3 - Maria, a Theotokos - Mosaicos da Sicília	24
Figura 4 - O retábulo de Gante – 1432	26
Figura 5 - Capela Sistina, Museu do Vaticano	28
Figura 6 - A criação de Adão, Michelangelo em 1511	29
Figura 7 - .A liberdade guia o povo - Eugène Delacroix	31
Figura 8 - Gustave Courbet	33
Figura 9 - Bom dia, senhor Courbet em 1854	34
Figura 10 - Primeira Aquarela Abstrata - Wassily Kandinsky em 1910	36
Figura 11 - Rothko Chapel: An oasis for reflection - 1964	38
Figura 12 - <i>Crater Roden</i> , James Turrell	40
Figura 13 - Painel na lateral interna no Auditório do Memorial da América Latina, 2010	42
Figura 14 - The Artist is Present (2010 - MoMA)	44
Figura 15 - Parede da memória	45
Figura 16 - Caixa do material, SEU SAGRADO	51
Figura 17 - Caixa do material aberto, SEU SAGRADO	51
Figura 18 - Cartões Acolhida e Simplicidade apresentação	52
Figura 19 - Cartões soltos, Acolhida e Simplicidade	52
Figura 20 - Frente dos cartões Cidade Presépio	53
Figura 21 - Verso dos cartões Cidade Presépio.Figura 21 - Verso dos cartões Cidade Presépio	53
Figura 22 - Frente dos cartões sagrado na História	54
Figura 23 - Verso dos cartões sagrado na História	54
Figura 24 - Cartões para leitura e diálogo Sagrado na história	54

Figura 25 - Cartões Ação Vida	55
Figura 26 - Capa do caderno para professores	56
Figura 27 - Capa do caderno para professores	56
Figura 28 - Caderno dos professores (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K)	56
Figura 29 - Momento - Acolhida e Simplicidade	63
Figura 30 - Descoberta do cachorro na obra	64
Figura 31 - Ação vida, sagrado na Arte	65
Figura 32 - Produção artística, Realismo e cotidiano (A,B,C e D)	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.CIDADE PRESÉPIO	13
1.1 O nascimento do codinome	13
1.2 Montanhas, ruas estreitas e pessoas	16
2. O SAGRADO NA ARTE	19
2.1 Recorte histórico sobre o sagrado na história da Arte Ocidental.	20
2.1.1 – Pré-história	20
2.1.3 - Renascimento	27
2.1.4 - Romantismo	30
2.1.5 - Realismo	32
2.1.6 - Modernismo	35
2.1.7 - Arte Contemporânea	38
3. EDUCAÇÃO	46
3.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	46
3.2 Material didático	48
4. MATERIAL EDUCATIVO: SEU SAGRADO	50
4.1 Justificativas e formato	50
4.2 Aplicação	61
4.3 Resultado da aplicação	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A	71
ANEXO B	72

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida o estudo sobre o sagrado para a elaboração de um material educativo utilizando como referência inicial o codinome da cidade de Santa Branca, cidade presépio.

A partir disso, a análise da associação entre o simbólico cultural da cidade, o sagrado e seu significado ao longo do contexto da história da Arte em um estudo sobre a revelação da potência da estesia nas Artes visuais de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua prática na sala de aula, gerando uma ação artística de estímulo para a descoberta do sagrado individual.

Tem-se como objetivos específicos:

- Expor os aspectos simbólico-culturais da cidade de Santa Branca/SP, a cidade presépio.
- Realizar um recorte histórico, para compreender as mudanças do olhar humano “Sagrado” na Arte.
- Compreender o conceito de sagrado vinculado à estesia e seu diálogo com a Arte no âmbito educacional.
- Elaborar um material educativo utilizando como referência inicial o codinome da cidade de Santa Branca-cidade presépio, para o Ensino Fundamental a partir dos estudos sobre o “sagrado”.

Este trabalho para a área de estudo em Artes Visuais encontra-se através da aplicação de quatro conceitos indicados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018): Criação, Expressão, Fruição e a Estesia, e a aplicação da “proposta triangular” de Ana Mae Barbosa (contextualizar, praticar e apreciar). Resultando em um material educativo que possibilitará a valorização do processo criativo individual do aluno a partir de um olhar significativo para seu próprio entendimento de Sagrado.

O público a qual se refere a proposta do Material didático encontra-se atualmente, de 07 a 15 anos, adequando-se aos conceitos da geração Z e alpha que nasceram em um mundo conectado, e está crescendo inserida nas novas tecnologias. Também chamados de “nativos digitais” onde não existe a divisão entre o offline e o online, pois estão sempre conectados em todos os lugares. (OLIVEIRA, 2019).

Sendo uma geração característica da diversidade de opções e opiniões, encontramos a problemática da ansiedade inserida quase que de uma forma natural, onde há a criação de

uma geração imediatista. (PATRIOTA, 2015) De acordo com Douglas Rushkoff, a cultura do imediatismo passa pela massificação dos meios eletrônicos de comunicação. Injetando nessa geração a sensação de que as resoluções precisam ser instantâneas, o que gera uma ansiedade constante e por muitas vezes uma determinada dificuldade de lidar com problemas externos. (RUSHKOFF, 2018).

O que este trabalho propõe a tais gerações, é uma oportunidade de reflexão sobre o lugar da calma, da respiração e a observação sensível do que é o sagrado no íntimo de ser. Revelando a Estesia proposta pela BNCC, como um trabalho introspectivo e que se resulta em um produto artístico sobre as próprias percepções sobre o “sagrado”, o respeito e a própria diversidade, conceitos marcantes para esta e as próximas gerações.

Esta pesquisa se utiliza da metodologia qualitativa e se propõe a passar por Quatro capítulos. No capítulo 1 apresenta-se o ponto de partida deste trabalho, a cidade de Santa Branca. Sendo um estudo sobre seu codinome que revela o sagrado de forma simbólico-cultural, e que direciona o trabalho a pensar sobre conceitos e valores, como a simplicidade e a família.

A pesquisa do capítulo 2, se apoia em fatos históricos sobre o que é o “Sagrado” ao longo de alguns períodos da história da Arte, desenvolvendo-se sobre as mudanças do Sagrado no tempo e através das Artes Visuais, proporcionando o conhecimento da temática e aproximação da própria realidade a partir das diferentes visões de mundo.

Já no capítulo 3 a proposta é demonstrada através dos estudos na Base Nacional Comum Curricular (2018) em Artes Visuais e sobre Material didático.

Por fim, no capítulo 4, apresenta-se a finalidade deste trabalho, que é o material didático proposto, numa iniciativa de contribuir para a educação de forma sensível e que revela e potencializa a estesia no trabalho artístico.

Nas considerações finais, espera-se que este processo de pesquisa gere um material didático como uma proposta de sanar a necessidade de estudantes do ensino fundamental, com a possibilidade da descoberta sobre seu “sagrado” individual após uma experiência artística com a estesia, criação e expressão fundamentado no Sagrado e sua relação com a História da Arte e como ele se revela até os dias atuais.

1. CIDADE PRESÉPIO

1.1 O nascimento do codinome

A cidade de Santa Branca, segundo o próprio site da prefeitura, está localizada no Vale do Paraíba no interior do Estado de São Paulo. De 188 anos a pequena cidade com 14 mil habitantes possui características tradicionais da cultura caipira, contém um potencial olhar de crescimento e modernidade.

Por volta dos anos 1950 que surgiu a cultura e uma certa preocupação quanto a criação de um codinome, brasão e hino, sendo como um cartão de visita para o que a cidade representasse e tivesse como valor. (PREFEITURA, 2019).

A cidade de Santa Branca teve como primeiro codinome, “Terra da Saúde”, momento em que as pessoas eram gratas pela saúde de seus munícipes, visto que não se tinha muito acesso à medicina. Ao receber o Juiz de Paz do Rio de Janeiro que acabava de se mudar para a cidade, Dr. Jarbas, o prefeito Waldemar Salgado, perguntou o que o doutor achava desse codinome de apresentação. Assim, o Dr. Jarbas muito surpreso por sua opinião ser levada em consideração em tão pouco tempo, apresentou que este codinome, Terra da Saúde, o lembrava na verdade, hospitais e sanatórios (ALWAN, 2019).

Com isso, as autoridades preocupadas com o que os outros também pensariam, passaram a responsabilidade ao dr. Jarbas para nomear então novamente a Cidade, visto que ele tinha um olhar de recém chegado e também, valorizando a presença do turista.

De acordo com o historiador, "Dr. Jarbas já havia se sentido acolhido pela comunidade e por seus munícipes e pensou que a pequena Cidade subindo as ladeiras, de ruas estreitas, povo bom e acolhedor, isso me lembrou um presépio, e propôs: **Santa Branca - Cidade presépio**” (ibidem).

Assim como a cidade que apresenta uma trajetória de simplicidade assim também é a história de seu codinome. Na época, a acolhida desse codinome se fez muito presente e houve essa apropriação, pois na época se identificava como uma população cristã. “A acolhida e a simplicidade que nos apresenta a história do presépio que é o nascimento de Jesus que é o menino Deus em uma manjedoura em um estábulo que nos remete à caridade, ao amor ao próximo, a compreensão, tendo solidariedade e a valorização da vivência simples”. (ALWAN, 2019).

A sacralidade do presépio apresentada pelo codinome está ligada à acolhida que a cidade propõe a quem nela se aproxima e faz morada. Assim como conhecemos a história do

nascimento de Jesus, os reis magos e os pastores que se aproximaram do cocho e da manjedoura se sentiram pertencentes ao lugar e experienciaram algo novo. (ALWAN, 2019)

Quanto a relevância deste codinome para cidade, trata-se da expressão como uma forma de apresentação do que a cidade representa, sendo uma manjedoura, uma cidade em meio às montanhas, a simplicidade em suas casas e ruas, e um cocho, uma família disposta a acolher pastores e suas ovelhas, visitantes e reis magos, tratando-se o sagrado como algo inviolável e como forma de comunicação ilustrativa aos seus munícipes e gerando uma relação de íntima e afetiva. (ALWAN, 2019).

Sendo assim, a temática da acolhida foi apresentada através do hino da cidade no ano de 1950 (Anexo A), podendo ser observada no trecho a seguir como algo concreto e que se faz presente na cidade, escrito por Benedita Pereira de Albuquerque e o prefeito e músico, Waldemar Salgado (1950):

“Acolhe todo aquele que procura
Abrigo no, teu solo hospitaleiro
Neste Mundo de tantas desventuras
Não desprezas o pobre forasteiro”

O conceito revela-se através da acolhida do estrangeiro a estas terras, como quem acolhe de forma hospitaleira com bondade e satisfação. Em um mundo de tantas desventuras, de tantas tribulações em meio ao caos, a cidade se propõe a não desprezar aquele que não pertence a esta mesma, mas sim, a acolher. Como quem chega a um lugar desconhecido, mas que é convidado a entrar, se aconchegar depois de uma trajetória cansativa, descansar e tomar um café enquanto conta sua própria história.

Figura 1- Brasão de Santa Branca



Fonte: Site da Prefeitura, acesso em 2021.

Disponível em: <<http://santabranca.sp.gov.br/simbolos-e-hino/>> acesso em nov. 2021.

O Brasão da cidade conforme a prefeitura do município em (2021) tem como um dos símbolos em campo de goles (Vermelho) a padroeira da cidade, Santa Branca. A flor de lis representa a padroeira e a cor vermelha, o martírio com as correntes, o modo, segundo é contado em sua história, morreu. A flor para o catolicismo faz referência ao Lírio, que em sua forma simplificada, apresenta três pétalas: a fê, a sabedoria e o valor. A cidade nasce a partir do valor da **fê**, lembrando José Joaquim Nogueira, a figura da fundação da cidade, a rogos de quem Domingos de Brito Godoy de doar um trecho de suas terras, a partir do ponto em que residia, rumo a uns terrenos ligeiramente montanhosos, situados em frente, para servirem de patrimônio à capela que seria erguida em homenagem a Santa Branca, de que Nogueira era devoto.

A **sabedoria** para a cidade apresenta-se através da experiência e do tempo, com o acúmulo de conhecimento e guiado pelo verde que é a esperança, lembrada também como os campos férteis e as grandes pastarias do município de Santa Branca.

Quanto ao **valor** mais do que algo físico, trata-se dos valores investidos como a relação que podemos fazer com a frase “*honor et Labor*”. (Honra e Trabalho), tendo como característica o povo de Santa Branca. Ao destacarmos a Honra, apresentamos valores do ser humano e suas atitudes que se baseiam em virtudes bondosas como a honestidade, dignidade, simplicidade e a **acolhida**.

“Cidade Presépio, com seus tópicos por entre ruas curvilíneas, transparecendo a abençoada Belém do Mestre Jesus, aqui iluminada pelas bênçãos da padroeira de cujo nome nasceu você abençoada Mãe morena”. (CHAVES, 2019. p 3)

Desta forma, o codinome, o hino e os valores apresentados no Brasão, tal como na padroeira, apresentam a lealdade no que se acredita, desta forma realça e insiste na presença de uma vida simples, de pessoas trabalhadoras e que estão dispostas a acolher a quem chega; fazendo referência também a esse presépio, que é a família acolhendo sem distinção os pastores e os reis em seu estábulo emprestado.

1.2 Montanhas, ruas estreitas e pessoas

Além das formalidades como a apresentação através do codinome, do hino e do brasão, a cidade expande o conceito para suas características físicas, inspiradas em sua localização, natureza e sua formação como cidade.

Quanto à observação retratada no hino “*Ladeada de montanhas verdejantes*”, como nos apresenta, podemos ver uma das características da cidade: seu verde (1) e sua grande área

rural (2). A cidade sendo rodeada de montanhas, o verde e a natureza estão presentes no cotidiano dos santa-branquenses como algo natural, sendo um meio de contato e de vivência. A natureza, árvores e montanhas estão presentes como meio de observação para “o *Teu céu é o mais lindo que já vi*”, o céu e sua paisagem se tornam muito característico e apresenta a quem a visita, essa diversidade de sentimentos ao observar o sagrado que é o céu em sua paisagem tornando-se meio de inspiração para a Arte e a Poesias.

Ainda que Santa Branca tenha como influência grandes cidades do Estado de São Paulo, possui muita presença da área rural, sendo assim, crianças da área rural que frequentam as escolas na área urbana geram um ambiente de integração e discussão sobre diferentes vivências e realidades, proporcionando um momento de acolhida com o que é diferente, mesmo que nas pequenas situações.

Ao andarmos pela pequena cidade, percebemos as ruas que a perpassam. Estas, sendo estreitas e em sua maioria com paralelepípedos, nos levam a lugares e carregam histórias. Ruas que sobem morros, ladeiras e que emolduram casas históricas e novas moradias. Ao repararmos na fala do Dr. Jarbas, que faz referência ao presépio, são ruas que remetem às simplórias ruas de Belém, mas que ainda foi capaz de receber o pequeno Jesus. Ruas que apresentam caminhos, trajetórias, nos levam a destinos e nos apresentam vidas. (ALWAN, 2019).

Vidas, as pessoas são os personagens desse presépio que contam as histórias, que vivenciam essa experiência de morar e de partilhar da cultura do sagrado presente na cidade e nos tempos que se passaram. Artistas locais que partilham desse lugar de fala e que são referências para esse tempo. Um deles é o poeta Wilson Chaves (2019). Como em sua poesia o luar de Santa Branca descreve,

Meus pensamentos viajando...
Santa Branca no meu tempo menino
Essa mesma lua nos visitava...

O poeta descreve em suas obras a Santa Branca do passado, ressaltando a passagem de tempo como apresenta no texto “Na Mansidão do tempo” (B)

Por isso meu tempo passante e tudo mais
Sou caminheiro andaluz dos seus caminhos
Conduzo testemunhos de vida em pergaminhos
Conto os causos que um dia aconteceram
Crio poemas e situações que me enalteceram!

Como descrito acima, as características presentes em sua poética como escritor estão muito direcionadas ao tempo e a ser esse comunicador dos causos do passado. Essa afirmação está presente na cidade e se torna visível através das ruas, montanhas e personagens que marcaram o tempo com sua presença. As escritas do conterrâneo causam nostalgia aos mais velhos como uma revelação da sacralidade presente na cidade fazendo da lembrança do que se passou, da antiga praça, das antigas festas e amigos que partiram tornando-se memórias enraizadas da cidade.

Sendo muito presente o apego às memórias, o escritor tornou-se significativo também para a comunidade pois ele apresenta aos mais jovens o desconhecido das histórias e tem o papel de relembrar de forma nostálgica os mais velhos. Wilson acentua como era e como está hoje fazendo essa interligação e como cultura visa uma valorização da cultura do município e de expansão das experiências que fazem crescer o ser humano.

Quanto ao crescimento cultural da cidade e ao avanço da transmissão da cultura podemos afirmar que: Atualmente, a capacidade simbólica e os padrões de todas as culturas humanas são considerados igualmente abstratos, significativos e capazes de dar respostas úteis aos problemas de compreensão do mundo. (COSTA, 2002. p. 2.).

De acordo com essa afirmação torna-se visível a essencialidade do entendimento da capacidade simbólica do ser humano e a valorização da cultura sendo capaz de responder às diversas problemáticas que encontramos na sociedade a partir da visão de mundo. Questionando sobre a diversidade de visões de um olhar cultural para o município, trata-se de uma realidade distante quanto ao investimento e artístico.

Santa Branca tem como o Artesanato a principal referência de Arte, natural de uma realidade que apresenta a cultura caipira inserida no cotidiano.

A principal e mais importante característica do trabalho artesanal é o fato dele ser resultante de um trabalho executado pelas mãos, com sensibilidade, perícia e cuidado. A atividade é a precursora de processos industriais, trazendo no seu âmago tradição e inovação, preservando memória, e paralelamente, promovendo mudanças contínuas no modo de viver das pessoas (DIGBY, 2010 p.3).

Como citado por Digby (2010), a tradição preserva a memória e propõe a inovação e o processo de mudanças contínuas que são exercidas através da visão de mundo. Com isso, a cidade apresenta vários artesãos que possuem a sua visão de Arte como artesanato, através de suas vivências e por ser a Arte em seu cotidiano de forma simplificada e que exige a dedicação do tempo e o exercício diário sobre a peça.

Assim como o escritor Wilson Chaves (2019) e o historiador Sarkis Alwan (2019), a cidade expõe personagens com bagagem histórica que escrevem e produzem conteúdo de

uma cidade em seus anos de ouro que já se passaram e contam lindamente estes causos que marcam a transcendência de uma cidade familiar, aconchegante e com princípios tradicionais da cultura caipira. Como uma história que se ouviu falar na sala dos avós quando criança, sobre o nascimento de Jesus e sobre a sacralidade do presépio, a vida é traduzida através do conceito íntimo da proposta do relacionamento e do crescimento como ser humano e como sociedade.

Com a passagem do tempo e o crescimento do interesse da juventude pela Arte e o gerar o consumo do conteúdo na Internet, a mensagem revela uma esperança desejosa de uma juventude mais presente no expressar sua própria visão atual do mundo e o registrar com autenticidade para que este seja um município atemporal.

A principal e mais importante característica do trabalho artesanal é o fato dele ser resultante de um trabalho executado pelas mãos, com sensibilidade, perícia e cuidado. A atividade é a precursora de processos industriais, trazendo no seu âmago tradição e inovação, preservando memória, e paralelamente, promovendo mudanças contínuas no modo de viver das pessoas (ALWAN, 2019.).

2. O SAGRADO NA ARTE

Após apresentar o cotidiano e a vivência histórica como algo presente no município, o presente Sagrado como poética e codinome é uma possibilidade de mediação entre a intimidade e a transcendência do ser como uma forma de investigação e entendimento sobre a realidade do ser humano. (ALWAN, 2019).

O sagrado apresentado nesta pesquisa, **não** está intimamente ligado à religião ou as crenças individuais, mas sim, da busca do homem sobre o local de transcendência e seu próprio entendimento sobre as sacralidades da vida e o olhar do divino sobre as situações do cotidiano.

Para o filósofo romeno, o sagrado é a experiência de uma realidade e a fonte de consciência de se existir no mundo. O sagrado é sempre a revelação do real, o encontro com o que nos salva, nos orienta, fornecendo um sentido à nossa existência (QUEIROZ,2014).

Desta forma, Mircea Eliade (1992) propõe em seu livro, O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões,

A primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao “profano”, dessa forma o Sagrado (do termo latino *sacratu*) aponta para algo que merece veneração ou respeito religioso por ter uma associação com uma divindade ou com objetos considerados divinos. (ELIADE,1992 p.14).

A Arte (do termo latino *ars*, significa a técnica e/ou habilidade)por sua vez, pode ser compreendida como a atividade humana unida às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma grande variedade de expressões nas suas mais variadas combinações. “O processo criativo ocorre a partir da compreensão com o propósito de expressar emoções e ideias, visando um significado único e diferente para cada obra.”. (MELLO,2008)

Uma definição da função da arte ao serviço do sagrado, diz-nos que:

A função de toda a arte é quebrar o ciclo estreito e angustioso do finito em que o homem está fechado, enquanto ele vive na terra, e de o abrir, como uma janela, ao seu espírito desejoso de infinito (...). (Pio XII, in *Musicae Sacrae Disciplina* - Encíclica sobre a Música Sacra-1955).

Segundo a afirmação de Pio XII, a função da Arte está intimamente ligada à transcendência do homem que dá abertura ao seu próprio espírito para poder utilizar das linguagens artísticas para a expressão, através do sentir da estesia e de seu próprio ser.

A estesia é um processamento do corpo que sente as qualidades que sobre ele operam impressivamente. Quanto maior o grau de esteticidade, maior é a ação

impressiva e a ação desse corpo operador que, sem automatismo para processar o manifesto por um plano da expressão, capta e sente as impulsões que produzem uma experiência do que é sentido para ser significado. (OLIVEIRA,2010. p. 128).

Sobre a estesia e sua relação com o sagrado, observa-se a necessidade do sentir para gerar o significado em vida. A arte como experiência proporciona um olhar sensível sobre as suas próprias vivências e resulta em uma ação artística, valorizando a individualidade de cada ser como único e em uma reflexão sobre a Arte e o Sagrado neste lugar de transcendência do ser.

A partir desta definição do sagrado como este lugar do real e a orientação de vida, é um verdadeiro encontro com essas sacralidades que nos acompanham no cotidiano, em nossa cultura e nas minuciosidades diárias e que de forma significativa resultam na formação da própria personalidade.

2.1 Recorte histórico sobre o sagrado na história da Arte Ocidental.

O recorte histórico é uma breve pesquisa sobre determinados pontos na história da arte ocidental e sobre a sua relação com o sagrado.

As escolhas para este capítulo partiram de um olhar sobre o sagrado para sete períodos selecionados da História da Arte Ocidental, a saber: 1. Pré-história, 2. Idade Média, 3. Renascimento, 4. Romantismo, 5. Realismo, 6. Modernismo e 7. Arte Contemporânea.

2.1.1 – Pré-história

Na Pré-história é possível desdobrar o olhar sobre o homem como o ser humano que convive com as descobertas e desfruta de sua vivacidade através do registro, como as pinturas rupestres que revelam a busca da sobrevivência diária e de fantásticas histórias do cotidiano. Para Mircea Eliade (1907-1986), o sagrado exerce grande fascínio sobre o ser humano, por isto mesmo um dos conceitos que marcam sua investigação é o de hierofanias (ato de manifestação do sagrado), a saber, a manifestação do sagrado no mundo mental de quem nele crê, segundo o autor toda hierofania é real e verdadeira.

O elemento que impulsiona isso é nossa reação diante do desconhecido, o homem primitivo fundamentou sua religiosidade, devido sua crença na imortalidade da alma. Inúmeros achados arqueológicos comprovam isso. A crença da imortalidade é confirmada pelas sepulturas; de outra forma, não se compreenderia o trabalho empregado para enterrar os mortos. (ELIADE, 2010, p.19).

O sagrado na Pré-história, como apresenta Eliade, vai além da conservação da vida, mas sim, a crença sobre a imortalidade da Alma.

Em 1983 foi localizado um sítio em “A Furna do Estrago”, um abrigo sob rocha localizado no município do Brejo da Madre de Deus em Pernambuco. Escavado pela equipe de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, sob a coordenação da arqueóloga e antropóloga Jeannette Maria Dias de Lima. Sendo um dos mais importantes sítios arqueológicos brasileiros.

Após dois mil anos, esse sítio passou a ser identificado como cemitério. Foram resgatados 83 esqueletos humanos encontrados em bom estado de conservação. As condições ambientais favoreceram a rápida desidratação da matéria orgânica e a preservação da pele, dos cabelos e do cérebro em alguns indivíduos, bem como, do artesanato em palha utilizado no ritual funerário. Observou-se a persistência de um padrão de sepultamento em que os corpos eram colocados na posição fetal amarrados com cipós e embrulhados em esteiras de folhas de palmeira, compondo verdadeiros fardos funerários. (LEITE e NEVES, 2014).

Em muitos casos as fossas funerárias estavam também forradas com folhas de palmeira. Os recém-nascidos eram depositados em pequenos cestos ou em espadas de palmeiras. Os adultos estavam acompanhados de colares e alguns levavam flautas ósseas e tacapes (ALVIM, 1991, p 34.).

A forma da apresentação do sepultamento neste espaço revela o comportamento religioso entre os indivíduos. O questionamento sobre a Vida, a misticidade da morte atribuindo a ela significados sobrenaturais, como a preparação e a dúvida para a vida após a morte.

Em suma, pode-se concluir que as sepulturas confirmam a crença na imortalidade (já assinaladas pela utilização da ocre vermelha) e trazem alguns esclarecimentos suplementares: enterros orientados para leste, marcando a intenção de tornar o destino da alma solidário com o curso de sol, portanto a esperança de “renascimento”, i. e., de uma pós-existência num outro mundo; crença na continuação da atividade específica; certos ritos funerários indicados pelas oferendas de objetos de adornos e restos de refeições. (ELIADE, 1978, p. 28).

Para o homem pré-histórico, o cosmos tinha uma alma a qual organizava a vida humana de uma forma que realizava o que propriamente queria e precisava. Essa era a compreensão simbólica sobre os acontecimentos naturais.

O homem pré-histórico desenvolveu inicialmente a linguagem, como forma de representação e comunicação, e posteriormente a pintura, gravura e a fixação dessas representações. Nesse processo, o homem em sua relação com o meio, desenvolve mitos e os rituais que norteiam a sua ação dentro de seu grupo e em grupos distintos, como por exemplo, os ritos de passagem. (MITHEM, 2002, p. 32).

O ser humano compreendia que as forças naturais se encontravam em outra dimensão, assim como a Arte. Sendo dessa forma a pintura e os adornos colocavam o homem nessa

outra dimensão, tornando-se um portal de comunicação que tornava o sobrenatural possível. Portanto, a Arte rupestre dialogava com este o aspecto sagrado da pré-história, a qual era um meio do homem prestar culto às divindades nomeada como mítico-ritual.

Sendo o sagrado na Arte um veículo de comunicação e de elevação ao culto, onde o homem transcendia as suas crenças e tinha a experiência de um olhar significativo para a vida e o mistério da morte (MITHEN, 2002).

Figura 2 - Indivíduos exumados no Sítio Furna do estrago.



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da UNICAP. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/338156927_O_sitio_Furna_do_Estrago_em_Pernambuco_uma_analise_de_genero> Acesso em nov. 2021.

É possível inferir que a Pré-história, de acordo com os pesquisadores, têm como características a referência ritualística marcada pelo olhar do Homem sobre o lugar da morte e da vida, de seu lugar de sobrevivência e também de sua afetividade.

2.1.2 - Idade Média

Na idade média, observa-se que as obras têm um vínculo com o Teocentrismo vinculado diretamente a Igreja Apostólica Romana e o objetivo de educar as pessoas. Na Idade Média, as obras de arte não criam sensação de tridimensionalidade, elas fazem um convite para entrarmos em um mundo que não é o nosso e sim o lugar do divino. Sendo marcada por essa referência Cristã Católica durante o século V a XV. (DARÉ, 2018).

Foi no Século I que se desenvolveu a Arte Cristã primitiva, a qual via o Deus cristão como uma ameaça. Com isso, as obras eram realizadas de forma discreta e portátil, de forma que pudessem ser disfarçadas. (GOMBRICH, 1972)

No ano 313, o imperador Constantino constituiu a liberdade da prática religiosa cristã, dando espaço para a Arte Cristã e com isso, a Arte passou a usar os modelos existentes na sua sociedade e perderam os traços típicos do oriente médio, dando espaço a imagem greco-romana revelando uma representação do poder do deus cristão mesmo Constantino sendo um imperador, que concedia determinada liberdade para as crenças do cristianismo, continuava a acreditar no Deus Sol Invicto, divindade romana que se associava ao Imperador (GOMBRICH,1972).

A Arte cristã, visava o entendimento e o sagrado como a vida eterna e a alma:

Quando o cristianismo se torna uma religião oficial, surge a necessidade de um espaço destinado à realização dos rituais religiosos. Antigas construções, chamadas então basílicas, foram transformadas no que viriam a ser as igrejas. Esses edifícios eram usados para audiências públicas, julgamentos e também como mercados. No século VI, o Papa Gregório I entendeu que as imagens representadas eram um modo dos agrafos tomarem conhecimento da história. A representação pictórica dos personagens localizava-se de acordo com a importância do lugar arquitetônico. (GOMBRICH,1972. p.103)

Na abside, que se transformou em altar, só eram representados Cristo, a Virgem Maria e Deus Pai que são imagens repetidas também na cúpula. A arte era extremamente canônica, o artista tinha relativa autonomia em sua criação, obedecendo aos princípios religiosos. É uma arte solene que apresenta aos fiéis o reino do céu, tendo como característica a bidimensionalidade (somente são representadas altura e largura), a frontalidade das imagens ou perfil de 3/4. Há uma desmaterialização das figuras; trata-se de uma arte descarnada, portanto, menos humanizada:

Poucas vezes o movimento é representado, assim, as imagens apresentam um traço de atemporalidade. O corpo das figuras corresponde a sete unidades da cabeça, o rosto é a sede da expressão da espiritualidade que se dá por meio da intensificação do olhar. (NASCIMENTO, 2013, p. 52).

Desta forma o Sagrado na Idade Média estava intimamente ligado a educação de um povo ao cristianismo, apresentando as imagens relacionadas ao divino e contando a história de Cristo. Abolindo o corpo nu e fazendo com que desaparecesse a conexão entre o corpo e a mente. Pois seus principais interesses eram voltados para a Alma, inserir as pessoas nos dogmas da igreja e a apreciação divina através da apreciação da beleza do que se é imaterial. (GOMBRICH,1972).

A Arte Medieval é dividida em três partes, Bizantina, Românica e Gótica. A Arte **Bizantina** se desenvolveu entre os séculos IV e XV na região do Bizâncio. Seu fim é deflagrado pela queda do Império Romano do Oriente em 1453.

A Arte Bizantina tinha como característica a representação da grandiosidade do Deus cristão e a imponência do imperador que representava o poder na terra. Sendo padronizadas e hierarquizadas, os ícones Bizantinos eram quadros pequenos que representavam as imagens sagradas como Jesus Cristo e a Virgem. Sendo carregados de simbologias e suas figuras estilizadas. (BRANCO, 2008. p. 4)

Figura 3 - Maria, a Theotokos - Mosaicos da Sicília.



Fonte: Meu mundo Bizânico. Disponível em:

<<https://www.pallasweb.com/deesis/mary-the-theotokos-mosaics-of-sicily.html>>

Acesso em ago. 2021 .

O mosaico é uma técnica que consiste na colocação de lado a lado de pequenos pedaços de pedras sobre uma superfície de gesso ou argamassa, formando um desenho já pré-definido. Uma prática greco-romana adaptada aos padrões cristãos (BRANCO, 2008).

A arquitetura Bizantina valorizava o amplo espaço interno, conseguido através do avanço técnico na construção de abóbadas, valorizando o espaço com a pintura dos ícones, mosaico e o ouro. Apresentando o Sagrado com essa ligação com o espaço, onde esse Deus se torna real e toca o espaço através da arquitetura e da imagem.

A Arte **românica** provém do estilo romano, se apresenta como um conjunto complexo de diversas referências provenientes da arte egípcia, persa, insular, bárbara, bizantina, grega e

turca. Baseando-se em referências antigas, os arquitetos e artistas do estilo românico buscavam soluções e experimentavam novas estratégias para desafios e problemas referentes à sua época, mantendo o estilo em evolução (MARQUES, 2008).

A pintura não apresentava um estilo naturalista pois as figuras eram simplificadas para facilitar a compreensão do cristão, causando a deformação da forma e o uso puro da cor. Suas principais pinturas eram feitas em murais, permeando as igrejas com o objetivo didático de educar os fiéis e os turistas e também iluminuras, sendo ilustrações feitas em livros, podendo ser narrativas ou com fim decorativo (MARQUES, 2008).

As esculturas que representam corpos humanos eram sempre pouco modeladas e de aparência extremamente rígida, não seguiam uma proporção convencional e eram sempre representadas de frente, apresentando assim uma anatomia estranha e pouco realista.

A pintura **gótica** representa um pré-renascimento. Os pintores desse período passaram a pesquisar as antigas soluções visuais dos antigos gregos e romanos para a elaboração de suas obras. Essa pesquisa trouxe de volta o realismo para a representação pictórica. O estilo se desenvolveu entre o século XIII e XV, na Europa. O nome gótico refere-se à arte dos godos, um povo da Germânia que vivia na região da atual Suécia, que representa a principal inspiração visual desse período (GOMBRICH, 1972).

O estudo dos artistas levou a uma evolução nos processos pictóricos referente à perspectiva, revelando suas pesquisas referente aos meios de profundidade espacial. *Jan van Eyck* foi um Artista e pesquisador relevante para esse período, o qual produziu a tinta a óleo e explorou suas particularidades na representação realista, além de inserir a perspectiva e a profundidade em suas obras, inovando através dos auto retratos (GOMBRICH, 1972).

Jan van Eyck nasceu por volta de 1395, no final da Idade Média. Sabe-se pouco sobre o início de sua vida, mas é provável que ele tenha nascido na região flamenga da Bélgica e crescido na Holanda. O artista revolucionou o retrato e aumentou o realismo nas obras medievais (GOMBRICH, 1972).

Figura 4- O retábulo de Gante – 1432.



Fonte: História da Arte – Gombrich 1972. 156 p.

Com relação às esculturas góticas, o naturalismo prevaleceu. Os escultores buscavam dar um aspecto real e humano às figuras retratadas (anjos, santos e personagens bíblicos). A escultura gótica estava intimamente ligada à arquitetura, uma vez que foi usada principalmente para decorar as fachadas de catedrais e outros edifícios religiosos, como quimeras e gárgulas (GOMBRICH, 1972).

Compreende-se, portanto, que no contexto da Idade Média, a Arte e o sagrado estavam intimamente ligados a direcionar a educação de mais fiéis para a Igreja Católica Apostólica Romana com o objetivo de evangelizá-los através da imagem. A arte neste contexto era uma relação visual com o divino, sua representação transcende ao homem de ver através das pinturas e esculturas do que não é visível, a sobrenatural associada a fé humana e a observação de como o espaço pode proporcionar ao homem uma experiência de tocar a Deus, através da iluminação das catedrais ou da luz refletida da imagem de um mosaico.

Com isso, baseado nos autores, o sagrado na idade média pode ser descrito como a falta de liberdade de expressão dos artistas, que foram silenciados pelos padrões propostos, mas que também proporcionaram um grande crescimento artístico através do estudo e da simbologia apresentada por meio de suas obras, dando abertura a figura do “homem” nos retratos. (BRANCO, 2008; MARQUES, 2008; GOMBRICH, 1972).

Enquanto a igreja Católica Apostólica Romana estabeleceu ideais, padrões e Deus como o centro do universo, os humanistas defendiam o antropocentrismo e a busca pela verdade. (BRANCO, 2008; MARQUES, 2008; GOMBRICH, 1972).

2.1.3 - Renascimento

O Renascimento teve início no século XV na Itália e foi com o declínio do sistema feudal e de diversas características associadas ao período medieval que surgiu a Renascença, um período de efervescência cultural, artística e científica que se espalhou pela Europa. (DARÉ, 2018).

Assim, o teocentrismo, dá lugar ao antropocentrismo renascentista, com a chegada da Idade Moderna. Os artistas passaram a transmitir em suas obras uma nova concepção cultural, acompanhando o desenvolvimento econômico, social e político das cidades, o contexto principal da transição. Neste contexto surgiram estudiosos que queriam renovar os estudos voltados para Teologia, o direito e a medicina e também produzir e absorver conhecimentos voltados para poesia, filosofia, história, retórica e matemática. Disciplinas que valorizavam o homem e o preparavam para o exercício de suas próprias escolhas. (GOMBRICH, 1972).

Os estudiosos eram conhecidos como humanistas, questionavam o olhar do mundo medieval e buscavam reinterpretar e elevar o homem como um ser de liberdade e escolhas pessoais. A produção artística baseava-se na cultura greco-romana tendo como características o interesse pela investigação da natureza, o culto à razão e à beleza.

A educação passou a ter mais valorização e todas as informações começaram a ter propósitos lucrativos. O racionalismo e o individualismo foram valores que baseiam o renascimento revelando a ideia de que cada ser humano é responsável por suas próprias escolhas. (PRIETO E TRELLO, 2007).

Um dos artistas do Renascimento foi o Artista Michelangelo (1475,1564) escultor, poeta e arquiteto do renascimento. Aos 13 anos foi aluno de Domenico Ghirlandaio (1449-1494) onde aprendeu técnicas consistentes para a pintura e também em desenho. Após passar um período sendo aluno de Domenico percebeu que suas ideias eram diferentes referente a Arte, Michelangelo passou a se aprofundar nos mestres do passado, sendo suas principais referências Giotto, Masaccio, Donatello e os escultores greco-romanos empreendendo sua própria pesquisa e se aprofundando na anatomia humana (GOMBRICH,1972).

Michelangelo se destacava como artista através de suas obras e o papa Júlio II pediu que realizasse uma pintura na capela construída por Sisto IV, chamada Capela Sistina. Suas paredes haviam sido decoradas pelos artistas Botticelli e Ghirlandaio mas a abóbada ainda permanecia branca. O Artista tinha uma resistência quanto a criação dessa obra pois se denominava escultor e não pintor, mas após a insistência de Julio II, Michelangelo apresentou após quatro anos de um trabalho solitário sobre andaimes uma obra que ainda hoje produz sensações e reflexões sobre o detalhamento das figuras apresentadas (GOMBRICH, 1972).

Figura 5 - Capela Sistina, Museu do Vaticano.



Fonte: História da Arte de Gombrich. 1972. 198,199 p.

Pintou-os como homens e mulheres imponentes ali sentados, imersos em seus pensamentos, lendo, escrevendo, debatendo ou como se estivesse ouvindo alguma voz interior. (Gombrich, 1972. p. 238)

O trecho apresentado por Gombrich apresenta o renascimento refletido através da obra de Michelangelo na capela, sendo a relação do homem e Deus. O homem como ser pensante que está lendo, escrevendo e produzindo, mas que escuta o sagrado em seu próprio interior, como uma voz que guia de seus pensamentos, uma voz que direciona. O Sagrado que não deixa de existir, mas que agora ocupa um outro espaço, o interior daquele que é o centro no momento, o próprio homem (GOMBRICH, 1972).

Figura 6 - A criação de Adão, Michelangelo em 1511.



Fonte: História da Arte de Gombrich (1972)

De acordo com Ernest Gombrich “Michelangelo conseguiu fazer do toque da mão divina o centro e o ponto culminante da pintura, e nos fez enxergar a ideia da onipotência por meio da facilidade e potência de seu gesto criador”. (GOMBRICH, 1972.)

Os estudos de Michelangelo e suas obras revelam seu enorme interesse sobre o homem, seu corpo e suas ideias. Em a criação de Adão nada desvia do tema principal, a sua criação e sua força. Deus criador sendo elevado como essa imagem de pensamento, de ser pensante como o fluir dos anjos refletindo o cérebro, refletido no homem Adão que acaba de despertar-se (TRELLO, 2007).

O criador que revela o homem e que este é agora iluminado como centro do universo como um ser pensante e capaz de criar, investigar e produzir o reflexo de sua própria experiência e seu corpo. Sendo sagrado o ideal da perfeição, e o pensamento filosófico sobre o passado para uma nova reestruturação.

“De criador para criador: Deus e o artista, um diálogo possível do humano com o eterno. Baseado na pesquisa realizada, o Sagrado no renascimento foi a revelação do homem e sua ligação com Deus.” Então com a iluminação do homem sendo o protagonista, nós temos a relação de homem e Deus enfatizando as ideias do homem e a interferência de seu próprio livre arbítrio, sendo a sacralidade, a figura do homem. Como retratado na obra da Criação de Adão, seu próprio despertar. (PRIETO,2007).

Após o Renascimento, houveram o Maneirismo, Barroco, Rococó, Neoclassicismo, o romantismo teve início no Século XVIII após as mudanças da Revolução industrial sendo um

movimento de oposição contra o classicismo, o movimento contrapõe o que é clássico sendo um relato ficcional, absurdo, cheio de histórias heroicas e contos fantásticos, onde há aparição dos sentimentos e a exaltação da pátria.

“Surgindo em tempos de rebeldia, na política caíam os sistemas de governo absoluto e surgia o liberalismo político; no campo social, imperava o inconformismo; no campo artístico, reinava o repúdio pelas regras. Inicialmente, era apenas uma atitude, um estado de espírito, mas, mais tarde, toma a forma de um movimento e o espírito romântico passa a designar toda uma visão do mundo centrada no historicismo e no individualismo.” (ROSENFELD, 2005. p.42).

2.1.4 - Romantismo

Se o século XVIII fosse marcado pela objetividade, pelo Iluminismo (Romantismo) e pela razão, o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo “eu”. Iniciou-se a idade da máquina, a era moderna após a Revolução Industrial.

A arte deixa de ser somente para a realeza e torna-se a Arte do povo, sendo movido pela liberdade, o movimento, a paixão e a busca pelo inalcançável, marcada por uma busca da perfeição impossível, sendo a idealização um ato de fugir da própria realidade.

O Artista romântico usa a imaginação e seus sentimentos e busca exaltar a natureza. Este período também é caracterizado pela idealização da mulher, sendo um exemplo concreto da fuga da realidade do artista romântico. (MOREIRA JUNIOR, 2012).

A obra “A liberdade” de Delacroix, conduz um povo inspirado na Revolução francesa de 1830. O pintor conferiu à mulher com o estandarte um caráter alegórico em que ela simboliza a França e a Liberdade, ao mesmo tempo (MOREIRA JUNIOR, 2012).

Figura 7 - A liberdade guia o povo - Eugène Delacroix.



Fonte: ARGAN, Arte Moderna.2006.55p.

A líder revolucionária idealizada por Delacroix sugere uma escultórica musa da História, que despertou de seu longo sono no interior de um dos museus de Paris, ganhou vida e partiu para as ruas flutuando por sobre os corpos das vítimas e das barricadas, unindo sob a mesma bandeira as mais diferentes facções políticas e segmentos sociais, aqui representados por seus bonés, chapéus, boinas, cartolas, rifles e pistolas de épocas diversas. Assim, Delacroix conseguiu transformar o seu registro da Revolução de julho numa pintura / ícone do século XIX. (MOREIRA JÚNIOR,2012. p. 54).

De acordo com a citação de Moreira Júnior, a obra de Delacroix tem um olhar alegórico marcado pela figura feminina que caminha sobre as vítimas e mostra as diferentes facções sendo guiadas pela mulher que carrega a bandeira francesa, como quem direciona o caminho para o novo.

Um dos textos que descrevem o contexto da época, “Os sofrimentos do jovem Werther-goethe” (1774), descreve um jovem que sofre com um relacionamento romântico. A paixão de uma vida por Carlota e a impossibilidade de assumir o amor pela jovem ser uma moça comprometida, faz com que Warter decida colocar um fim em sua própria vida, se suicidando. Na literatura, esta é uma das obras que revelam o ser romântico e a sua relação com a dor, sofrimento, melancolia e a morte e como essas obras refletiam as emoções os quais eram objeto de ação neste período (WOLFGANG, 1774).

[O Romantismo] nasceu marcado por um movimento contraditório onde afirmação e negação possibilitam a ampliação do conflito entre o eu e o mundo, o indivíduo e o Estado, proporcionando a eclosão de um individualismo em grau e profundidade como talvez nunca se tenha assistido [...]. A extrema emotividade, o pessimismo, a melancolia, a valorização da morte, o desejo de evasão, são apenas algumas das muitas formas de o romântico revelar sua perplexidade[...]. (CITELLI, 1993. p. 48).

O sagrado para o romântico ao olhar de Citelli, é envolto pelo comprometimento com o povo, com sua própria imaginação e uma ação de mudança na Arte, deixando de ser apenas referidas para os burgueses ou com uma temática voltada para temas bíblicos, agora a Arte é para o povo, possibilitando através do artista um olhar público sobre seus próprios sentimentos, seu próprio ser interior revelando seu “ser” melancólico e a total exposição de seus sentimentos.

O romantismo, de acordo com os autores apresentados, abre portas para a possibilidade de repensar o sagrado, adentrando a modernidade e marcas como o encontro com a liberdade, encontrada por meio da luta, reivindicações. Com ideias para idolatrar e o sentimento ao extremo, o ato de morrer pela causa, pelo o que se acredita e o ato de revelar o ser humano como é, aos extremos do sentir. Considerando o sagrado no romantismo, a ruptura com o que é clássico. O “Eu” do artista fica mais em evidência de forma dramática, se colocando em uma posição vulnerável, revelando suas próprias idealizações, sentimentos e sensibilidades através de suas obras ao mundo contextualizando o próprio tempo. (MOREIRA JÚNIOR, 2012; CITELLI, 1993).

2.1.5 - Realismo

No período do Realismo, o Artista Gustave Courbet (1819-1877) foi o pioneiro a dar um nome a esse movimento, inaugurando uma exposição individual em 1855, “Le Réalisme” assinaria uma revolução artística, pois seu único mestre é a natureza, não pensava em beleza, mas suas obras deveriam revelar a verdade. (ARGAN, 1992).

Tudo o que considerava poético à *priori* é repudiado: o belo, o gracioso, o sentimento da natureza. Courbet quer viver a realidade como ela é, nem bela nem feia: para chegar a isso, não tendo outro caminho, desfaz-se de todos os esquemas, preconceitos, convenções, tendências do gosto. Para tocar a **verdade**, ele elimina a mentira, a ilusão, a fantasia. Tal é seu realismo, princípio antes moral do que estético: não culto e amor, devota imitação, mas pura e simples constatação do verdadeiro. (ARGAN, 1992, p. 92).

Há determinada preocupação com a revelação da **verdade** através de Courbet, neste período. Fazendo dela o sagrado. Até então, o homem ainda tinha uma ligação com Deus e no realismo há essa ruptura. Um corte com a divindade e um total olhar sobre o que é real, o que

se pode tocar e qualquer ligação com o divino passa a ser visto como uma ilusão ou fantasia. Procura-se desta forma, a expressão de um olhar crítico sobre a contestação do que é verdadeiro e real. (ARGAN, 1992).

Figura 8 - Gustave Courbet.



Fonte: Arte Moderna - Giulio Carlo Argan

Disponível em: <<https://revistazunai.com.br/realismo-literatura/>> Acesso em nov. 2021.

De acordo com Argan, “A realidade é complexa, às vezes é confusa: é preciso aceitá-la como ela é. Não há necessidade alguma de que o pintor ame as coisas pinta, nem de que o espectador se apaixone pelo quadro.” É apenas o desejo de retratar o que se vê e sua experiência, não há expectativas quanto a obra ou quanto o público, apenas a retratação do que se é. (ARGAN, Giulio Carlo, 1992. Página 92).

Figura 9 - Bom dia, senhor Courbet em 1854.



Fonte: História da Arte - Gombrich (1972). 332 p.

Forma revolucionária, a obra não possui poses, mas a representação de um Artista de camisa de mangas compridas, o que de acordo com Gombrich, era isso que ele gostaria de causar “Queria que suas pinturas constituíssem um protesto contra as convenções aceitas de seu tempo, a fim de “chocar os burgueses” e obrigá-los a sair de sua complacência e que proclamaram o valor da sinceridade artística.” (GOMBRICH, p. 411).

O valor do sagrado para Courbet e sua representação artística é envolto pela sinceridade na verdade. A exaltação do que se é, sem ideais ou preocupações com o que os outros pensariam sobre sua obra. Em uma de suas cartas em 1854:

Espero sempre ganhar a vida por meio da minha arte, sem para tanto apartar-me de meus princípios por um fio de cabelo sequer, sem ter mantido para minha consciência por um momento que seja, sem pintar nem mesmo a área coberta pela palma da mão só para agradar a quem quer que seja ou vender mais facilmente”. (COURBET, 1854).

Através do trecho da carta apresentada, Courbet se revela como esse artista comprometido consigo mesmo e com a verdade que habita na realidade. Não há uma representação mais clara do que a verdade, sem idealizações ou a diversidade presente na interpretação da imaginação.

É possível inferir que, no Realismo apenas o que pode ser visto é considerado real, pois pode ser comprovado. Conseqüentemente, o Deus que não é visível, deixa de existir e há essa ruptura com Deus, pois a religião é vista como irreal. Somente o real poderia ser retratado como: pessoas comuns e o cotidiano. Portanto, o Sagrado tende a sair deste lugar

sublime e alcança pessoas comuns, retratadas com suas formas reais, revelando quem são em sua verdade.

2.1.6 - Modernismo

Entre o final do Séc XIX e o início do século XX, o Modernismo propõe a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista da civilização industrial com suas principais características de fazer uma Arte coerente com sua época e uma determinada renúncia quanto aos modelos clássicos, tanto na temática como no estilo, o desejo de diminuir a distância entre Arquitetura, pintura e escultura e suas aplicações em diversos campos produção econômica, uma preocupação com a funcionalidade decorativa, um esforço ao interpretar a espiritualidade se distanciando do industrial. (SORIANO, 2007).

A observação em outras vertentes no moderno de artistas que produziram muitos rompimentos quanto as esculturas, ao movimento do corpo e até mesmo nas artes plásticas, com a diversidade na estrutura como o artista Pollock, que criava suas obras com o movimento de seu corpo sobre suas obras e como isso influenciava no resultado final, onde o artista ocupa também o lugar da obra e começa a fazer parte, como um só. (SORIANO,2007)

Para nível de aprofundamento, o artista Wassily Kandinsky (1866-1944) busca encontrar seu próprio Sagrado a partir da Arte. Foi em 1910, quando o entusiasmo progressivo industrial resultava na realidade de transformação da vida e das atividades sociais, formou-se o Modernismo com as vanguardas artísticas preocupadas em revolucionar radicalmente as finalidades da Arte. Neste mesmo ano, Kandinsky deixa seu ofício de pintor figurativo com grande influência do impressionismo e realiza sua primeira aquarela abstrata, acrescenta, Soriano (2007).

Figura 10 - Primeira Aquarela Abstrata - Wassily Kandinsky em 1910.



Fonte: ARGAN, Arte Moderna. 445.

A obra de acordo com Joan Soriano revela as dúvidas do pintor na exploração da pintura não objetiva e revela o dinamismo das formas e das cores. Em uma disposição em espiral, o pintor dispôs pinceladas vermelhas e azuis em ordem circular garantindo que a estrutura ganhasse notável movimento e a sensação de estar diante de um estalo de alegria e espontaneidade causado por formas de cores vivas. (SORIANO, Joan. 2007).

Em seu livro *Do espiritual na Arte*, Kandinsky concedia ao pintor a missão de resgatar espiritualmente o homem vítima do crescente materialismo.

O caminho para alcançar tal objetivo seria recorrer às formas e as cores abstratas, que alheia às formas materiais produziram uma impressão psíquica, uma “vibração na alma” do espectador. O artista ressalta essa necessidade da alma do artista na obra e como ela também poderia ser revelada através da cor e da forma. (KANDINSKY, Wassily. 1914. p.42).

Kandinsky foi professor da Bauhaus, escola alemã de design, arte e arquitetura. O artista, sempre conectado com as vanguardas europeias, lecionou na escola até seu fechamento pelo governo nazista em 1933. Tratava-se de um estúdio-escola experimental, onde para a formação de mestres aplicou um novo sistema de ensino. Seu fundador, Walter Gropius pregou a ideia da síntese das artes, considerando que a pintura, a arquitetura e a escultura deveriam se combinar para criar um “construir o futuro”. No manifesto de 1919, ele afirmava: "o objetivo último de toda atividade educativa é a construção!" (SORIANO, 2007).

Na Bauhaus lecionou alguns cursos: “Desenho analítico”, cujo objetivo principal era ensinar os alunos a penetrar na essência das coisas e compreender a abstração;” Os Fundamentos do design artístico”, que são, de fato, a teoria do design; e o mais famoso de seu curso “**Cor**”.

O artista e professor ensinava a teoria das cores desde a história do desenvolvimento de vários sistemas de cores até a psicologia moderna da percepção. Em seu curso, realizou uma abordagem radicalmente nova para ensinar sobre a cor, com base na análise de elementos individuais e as cores elementares (vermelho, amarelo e azul) e as formas básicas (círculo, triângulo e quadrado). (SORIANO, Joan. 2007. p. 22).

Kandinsky com toda sua bagagem abstrata como artista, queria representar os objetos de forma a que estes não passassem de memórias que provocavam associações, atribuindo efeitos específicos a cada forma e cor. Nos seus desenhos analíticos, os estudantes repetiam o caminho próprio- um ponto, uma linha, um plano e examinando suas relações. O resultado desta análise será o seu trabalho” Ponto e linha ao plano” (SORIANO, 2007).

Desta forma, o sagrado no modernismo é caracterizado pela procura da pureza da forma e na autonomia estética, cujo pressuposto era o da "existência de um reino metafísico superior, em que a forma, perceptivelmente rarefeita e abstrata como a matemática, está totalmente desligada da experiência humana aqui em baixo" (McEvelley 2002: XXI-XXII. p. 61).

A busca pela pureza e sua relação com o divino é um dos olhares para o Sagrado na época, o que dá abertura para uma amplitude de “Sagrados” referente a cada artista, a cada obra. Para Wassily Kandinsky o sagrado estava intimamente ligado com a cor e o som, e como ambos tinham uma relação com o lugar de transcendência e contato com o que é Divino (MC, EVILLY, 2002).

A percepção do belo é, sem dúvida, uma experiência emocional. Essa exaltação é composta habitualmente de sentimentos, sensações e, no seu estado mais elevado, aprovação intelectual [...]. Reafirmando o seu caráter indefinível, poderíamos dizer que o belo se acomoda às exigências do espírito. A experiência do belo pode também ser um sinal de recepção do impulso criativo. (M. ROTHKO, A realidade do artista, p. 167).

Ainda que a percepção de *belo de* Mark Rothko (1903- 1970) esteja ligado ao belo sublime e filosófico, o artista produz a dualidade do transcender do real, o que permite compreender a frase: "que o belo é também composto de dor, que o Bem tem que incluir o Mal. " (M. ROTHKO, A realidade do artista, p. 167).

Figura 11 - “Rothko Chapel: An oasis for reflection” - 1964.



Fonte: Site - Pastoral da Cultura

Disponível em : <https://snpcultura.org/os_50_anos_da_capela_rothko.html> Acesso em ago. 2021.

A obra da Capela em Houtson no Texas, intitulada como Rothko Chapel: An oasis for relection” (1964), é o olhar da criação do artista mediante a experiência do lugar de uma capela, um lugar de encontro com o sublime. O artista, em muitas de suas falas apresenta a arte como o lugar do espectador, de observação e o próprio, adentrar na obra. (MARIVOET, 2016)

Assim como na obra “*An oasis for reflection*”, o artista pretendia através do tamanho de suas obras proporcionar ao seu público a possibilidade de imersão e confrontar-se diante de suas reflexões, em um diálogo com crenças individuais. (MARIVOET, 2016)

Com base nos autores apresentados, conclui-se que para além dos artistas escolhidos para níveis de aprofundamento, o modernismo contribuiu para uma diversidade maior diante do sagrado. Para Wassily Kandinsky e Rothko, o sagrado estava relacionando a desconexão do ser humano com a conexão metafísica encontrada por meio da forma e da cor, meios estes para acessar emoções e sensações que estão fora do aspecto físico, fora da matéria. Após o realismo apresentar esta quebra com a sacralidade do que não é palpável, os artistas como os apresentados, voltaram o olhar novamente para a capacidade humana de sentir através de conexões com o sagrado invisível que se torna visível através da forma, da Arte.

2.1.7 - Arte Contemporânea

Na década de 1950, após o término da Segunda Guerra Mundial, os artistas buscaram romper com ideais modernos de progresso e apontar uma expressividade para além do racionalismo. A qual deveria ser pautada na potência criativa e na subjetividade do artista

(CATTANI, 2002).

Com isso, alguns dos movimentos estéticos que iniciaram e direcionaram a chegar no período *contemporâneo* são: o *Conceitualismo*, o qual englobou artistas que defendiam a ideia de que o conceito era mais importante que o objeto. A *Pop Art*, que se popularizou pela característica de ser uma arte com elementos da cultura popular de massa, e por fim, o *Minimalismo*, movimento que marcou a utilização de poucos elementos em sua composição, valorizando o estudo sobre a forma e a cor (ARCHER, 2001).

Denominada “contemporânea”, do tempo *presente*, a cada dia a Arte se desenvolve e passa por transformações estando em constante andamento, portanto é possível que haja mudanças sobre sua percepção em relação ao sagrado, mas é **possível** identificar a princípio que este período se difere dos anteriores por conta de cada artista **adentrar seu próprio sagrado e como este reflete na presença do Fruidor, referindo-se à vida concreta neste mundo, às suas mudanças, à passagem do tempo e conseqüentemente às suas diferenças, paradoxos, contradições, construções e desconstruções.** (AMARAL, 2003).

O sagrado, na arte contemporânea, não seria, então, o contingente, o imponderável ou a fluidez em si mesmos, mas o "sentimento" de tocar no mistério do mundo como "fâscas de sentido", as quais, no ato do "dizer artístico", se metamorfoseiam, se transformam em seu aparecimento-desaparecimento. É esse aparecimento, desaparecimento, ou efemeridade do sentido, que mantém a carga de um mistério irrelatável do mundo, passível apenas de ser "tocado" ou "testemunhado" como "fâscas de sentido". Mistério que nunca se revela por inteiro, mas que, justo por isso, permite espreitar a "eternidade" da vida pelo movimento do pensamento indeciso e não-fixado, aquele que se recusa à tentação de uma prescrição do silêncio e resiste ao advento do "nada puro" ou do "fracasso absoluto". (AMARAL, 2003, 38).

Com base nesta afirmação, o sagrado é o registro da possibilidade de tocar os mais profundos mistérios em suas fâscas de sentido no próprio “fazer artístico”, um ato de eterno movimento de vida, na expressão poética de cada artista e ser humano.

Para nível de aprofundamento sobre o sagrado no contexto da Arte contemporânea, são evidenciados a seguir, elementos encontrados na arte de James Turrell, Tomie Ohtake, Marina Abramovic e Rosana Paulino.

James Turrell (Los Angeles, 1943), aponta seu olhar de investigação para qual é o papel da luz em nossa realidade. Suas obras precisam da participação total do público de forma expressiva, as quais refletem sobre a importância e a necessidade do olhar e principalmente, da *presença do observador*. (AMARAL, 2016).

Figura 12 - *Crater Roden*, James Turrell.



Fonte: Vídeo: James Turrell on Moving Towards a New Landscape - Station to Station EP12 - WIRED.

Uma das obras mais conhecidas de James Turrell se chama *Roden Crater*, uma cratera natural de um vulcão extinto, localizado no Arizona. Desde 1972 o artista apresenta a experiência da ausência que está a transformar este lugar, o qual envolve a essência de “reinventar o tempo a nosso olhar”. (AMARAL, 2016).

A obra de Turrell contém um paradoxo essencial a saber que toda a obra inclui o racional e o misterioso, um tributo que contribui em grande média para a natureza irresistível que é a experiência da visão. Turrell torna visível o domínio invisível do espaço. (AMARAL, 2016).

Na *Roden Crater*, o observador entra na obra, nesta localização sagrada, a qual o observador terá uma experiência de visão e contato com o espaço que propõe um olhar sensível sobre a presença, o tempo e a Luz.

As obras de James Turrell propõem a sacralidade da qualidade do tempo, do investimento na *presença do observador*, onde o “*estar*” exige uma sensibilidade do olhar e realmente “ver”, ou seja, exige uma observação significativa perante a obra e a vida. A percepção de que o tempo se relaciona à interioridade, ativa os sentimentos e as emoções que percorrem o tempo que direcionam a realidade. O lugar onde a luz toca, a emoção pode ser transformadora e detém o poder do encantamento. A possibilidade de uma experiência de olhar interior e exterior, coexistindo com a realidade do mundo e a poética da obra (AMARAL, 2016).

A imaterialidade está presente na poética do artista, fazendo com que o observador

possua um papel fundamental, visto que elas acontecem no espaço cognitivo e sensorial do observador. Turrell apresenta um apelo espiritual, ao espaço interior, o próprio vazio que é preenchido de “Luz”.

“Nós somos feitos de luz”. Pelas palavras de James Turrell é notável a afirmação sobre o “ser”, uma reflexão referente a quem somos e conseqüentemente sua relação com o tempo, a consciência e o olhar.

De acordo com James Turrell, ser feito de luz, é a condição para a visibilidade e para a possibilidade duma relação da imagem com o mundo, então a busca pelo entendimento do que é a Luz remete-nos para o questionamento da percepção, da imagem e da importância do Olhar... (AMARAL, 2016).

As obras de James Turrell proporcionam esse olhar íntimo e sua própria relação com o lugar em que habita. Sendo um olhar reflexivo e revelador da inquietude da percepção e na individualidade de cada ser sua total presença naquele tempo, o presente. “Encontramos em suas obras uma noção de infinito e de sagrado, uma existência de um tempo, numa evocação universal do tempo, numa espécie de inquietude Interior, um estremecimento da realidade.” (Amaral, 2016).

Para o artista, o sagrado se encontra na sua relação com a *luz*, o tempo e a presença do fruidor. Uma reflexão de sermos paisagem na obra e quem se é, neste tempo presente. Turrell escolheu aos 73 anos a luz como principal matéria, a matéria não tangível, um desafio à própria percepção. Para ele, o sagrado pode ser a Luz, pode ser a relação de vazio e preenchimento, o espaço e este diálogo com o olhar único e individual de cada ser.

Assim, outro artista que revela seu sagrado é Tomie Ohtake (1913), transitando entre o Brasil e o Japão começou a produzir suas obras aos quarenta anos de idade, iniciando seu processo criativo através de uma fase figurativa como define seu primeiro professor Keisuke Sugano. (VICTORINO, 2013).

Sua arte se destaca na pintura, gravura e esculturas de formas. Estas marcam sua produção de mais de 30 obras públicas desenhadas para cidades no Brasil. (Instituto Tomie Ohtake, 2021).

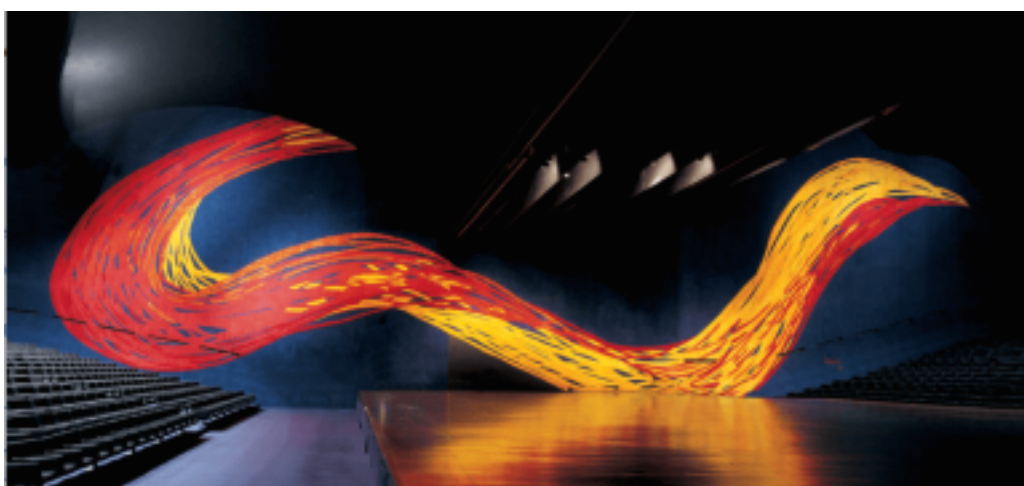
Eu nunca pinte com o emocional. Sempre pinte mais friamente. É sempre colocando camada, camada, camada. Colocando muitas cores, camada, camada até chegar onde eu quero. O gesto era bem mais calmo, caía sempre sobre a tela e seguia uma direção que era mais mental (OHTAKE, 2012, p.20).

Em sua fala, a artista revela este seu ser intuitivo que “faz sempre o que tem vontade em suas obras” (OHTAKE, 2010) sendo sempre disposta a novos desafios e as mudanças que a vida proporciona. Tomie se tornou um arco entre as duas nacionalidades, o Brasil e o Japão,

sendo perceptível elementos da cultura Japonesa e a junção com a cultura Ocidental. Em seu filme, *Tomie Ohtake* (2010) a artista faz uma fala sobre sua chegada ao Brasil e sua experiência sensitiva ao descer do navio: “O ar, o sol, tudo ficou amarelo. O Brasil tem gosto de amarelo”.

Em suas obras pictóricas é possível observar um olhar cósmico, estrelas em formação ou até mesmo de nebulosas se formando como uma dimensão cósmica. A artista também possui uma relação direta com o espaço, a qual revela a junção da arte e arquitetura, sendo uma resposta de quem acredita que “A Arte junto a Arquitetura são obras públicas para todos”. (Instituto Tomie Ohtake, 2021).

Figura 13 - Painel na lateral interna no Auditório do Memorial da América Latina, 2010.



Fonte: Instituto Tomie Ohtake. Disponível em:

<https://www.institutotomieohtake.org.br/o_instituto/interna/memorial-da-america-latina>

Acesso em nov. 2021.

As obras de Tomie Ohtake, estão ligadas às formas e sua contribuição para o universo, como que em uma revelação do cosmos (OHTAKE, 2010). O sagrado em sua arte, pode ser percebido através de sua revelação da cor e do imaginário individual, através do chamamento ao olhar sensitivo, através do *conceito da forma pela forma*, como se percebe em sua produção de Arte-arquitetura e sua relação com o espaço, que deixa a representação figurativa e convida o fruidor à observação e à uma experiência individual.

A *performance* é uma das linguagens contemporâneas que propõe a Arte como o próprio artista, sua interação com o espaço e o outro expõe a *efemeridade* da obra, enquanto ação. Uma das pioneiras da performance é Marina Abramovic, a qual direciona seu trabalho a temáticas da própria vida, a relação com o outro e a potência do corpo humano. A própria artista divide seu trabalho em três diferentes fases: Trabalhos da juventude, trabalhos

com Ulay e trabalhos solo. (CORDOVIL, 2020).

Em sua fase de trabalhos da juventude, a temática estava envolta de violência e dor, fazendo com que o público entrasse em contato com a mulher, com o corpo e seus próprios limites. Em sua fase com Ulay, Marina fazia sua performance com seu companheiro Ulay. Permaneceram em um relacionamento por 12 anos e depois fizeram uma performance marcante de separação. Nesta fase, ambos apresentavam temáticas como a relação afetiva, o depositar-se no outro e a energia entre duas pessoas, dois corpos.(CORDOVIL, 2020).

Para a sua última e atual fase solo, Marina direcionou seu olhar para a Arte como Cura e suas performances que tinham um direcionamentos intensos, passaram a revelar questões interiores como a disciplina, o olhar e o silêncio. (CORDOVIL, 2020).

Um dos exemplos desta fase atual da artista é a obra, *The Artist is Present (2010 - MoMA)* que neste caso ao invés de utilizar do corpo de Marina para performer como um objeto, o público é convidado a encarar Marina como um ser humano e ao olhar nos olhos é estimulado a encarar sua própria humanidade. Nesta proposta, a artista oferta a possibilidade do olhar, sem compromisso ou expectativas, tendo em vista que o público não é arbitrariamente sugestionado a nenhuma outra mensagem que não seja a do exercício da liberdade do olhar o outro e a si mesmo, sem precisar chegar a um determinado fim ou expor alguma conclusão. (CORDOVIL, 2020).

Nesta perspectiva, o olhar não é possível de representar, pode ser apenas experienciado. O olhar invocado por Abramović é um olhar para dentro de si mesmo, semelhante ao que buscam os místicos por meio da meditação, do transe e da oração. Um olhar que reconhece a fragilidade do humano e busca transcendê-la por meio do autoconhecimento. (CORDOVIL, 2020. p. 28).

Sendo assim, nesta obra a artista passa a ser um objeto e propõe a experiência de um olhar investigativo e profundo de estar diante de uma pessoa desconhecida mas que propriamente é um universo, pela sacralidade de “ser”.

Figura 14 - The Artist is Present (2010 - MoMA).



Fonte: MOMA, 2021. Disponível em:

<https://www.moma.org/learn/moma_learning/marina-abramovic-marina-abramovic-the-artist-is-present-2010/>
> Acesso em nov. 2021.

Marina Abramovic reflete em suas obras de performance a intensidade e a *efemeridade* da vida e a intencionalidade das ações e das escolhas como artista. Suas mensagens passam pelo olhar sagrado da vida, da dor e também sobre o lugar da contemplação. A artista apresenta em suas obras vários símbolos de espiritualidade e busca deixar de forma concreta em suas obras solo, como uma pessoa que está em constante busca do sagrado individual por meio das experiências.

E por fim, Rosana Paulino (1967) é uma artista que revela seu olhar autêntico sobre a arte contemporânea e se destaca por sua produção voltada para questões sociais, etnia e gênero e principalmente o lugar da mulher negra na sociedade brasileira e os tipos de violência sofridos por esta população em decorrência da escravidão. (MYCZKOWSKI, 2015)

A obra, *parede da memória* (1994) é uma extensa composição em grade formada pela reprodução em grade de onze pequenos retratos de seu arquivo familiar da artista que agrupados em diferentes formas, formam uma grade de 1500 imagens. (TVARDOVSKAS, 2006).

Figura 15 - Parede da memória.



Fonte: Retirada do site da artista, Rosana Paulino.

Embora parta de elementos pessoais, como a memória do patuá na casa de infância e os retratos de família, essa busca por identidade só se realiza no coletivo, na reunião de muitos indivíduos para tornar manifesta a força de sua representação. A disposição dos retratos se contrapõe às antigas tipologias fisionômicas que mapeavam características étnicas e psicossociais. Paulino inverte a função dessa estrutura classificatória e dirige sua indagação à memória individual e coletiva. A expressiva representação de pessoas negras faz lembrar, por oposição, sua rara ocorrência – excetuando-se o registro etnográfico – em séculos de produção visual no Brasil. (ITAÚ CULTURAL, 2021).

O sagrado encontrado na arte de Paulino, é marcado pela luta de ideais que ressaltam o tempo presente mas que são vestígios de vivência do passado, como assuntos que precisam ser ditos através de sua própria Arte, exaltando uma *questão sociopolítica* de forma potente de vidas negras.

Com base nos artistas apresentados, o sagrado no contexto da Arte contemporânea pode ser demonstrado a partir da *presença do fruidor* mediante a obra, do *conceito* como ponto principal da obra (mais relevante que o objeto em si), da *efemeridade* das ações e das *questões sociopolíticas* como presença atuante na sociedade por meio da Arte. Como a contemporaneidade é o tempo presente, há uma diversidade imensa sobre as possibilidades de “sagrados” nela encontrados, os quais estão ligados com a identificação do ser referente ao autoconhecimento e a relação de encontro com a poética a partir de experiências reais da vida.

3. EDUCAÇÃO

3.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Em 1988 a Constituição Brasileira previu em seu Artigo 210, a Base Nacional Comum Curricular. Art. 210. Na qual foram fixados os conteúdos básicos do Ensino Fundamental a fim de assegurar a formação básica em respeito aos valores culturais, artísticos, nacionais e regionais. Após passar por algumas versões, em 2017 o MEC entregou a versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação, (CNE) e neste mesmo ano foi homologada pelo ministro da educação, Mendonça Filho. Em março de 2018 houve uma capacitação dos educadores para a discussão da Base com o objetivo de compreender sua implementação e impactos na educação básica brasileira. Em 14 de dezembro de 2018 o ministro Rossieli Soares, homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular que corresponde às etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Desde então, a BNCC atua de forma essencial em toda a rede de ensino com um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (Site da BNCC, atual).

De acordo com a BNCC, (2018) no Ensino Fundamental, para o ensino em Artes visuais, as Matrizes Estéticas e culturais propõem diferentes habilidades, a saber:

Tabela 1 - Propostas de habilidades da BNCC para o Ensino Fundamental referentes ao ensino de Artes Visuais para os anos iniciais.

(continua)

Habilidades	Descrição das habilidades
EF15AR03	<i>“Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais”.</i>
EF15AR25	<i>“Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas”</i>

Tabela 1 - Propostas de habilidades da BNCC para o Ensino Fundamental referentes ao ensino de Artes Visuais para os anos iniciais.

(conclusão)

Habilidades	Descrição das habilidades
<i>EF69AR01</i>	<i>“Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.” (BNCC,2018) (exemplos artistas brasileiros e estrang./ ampliar repertório imagético)</i>
<i>EF69AR07</i>	<i>Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.</i>
<i>EF69AR06</i>	<i>Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BNCC, 2018) (individual, instrumento alternativo-material didático)</i>
<i>EF69AR31</i>	<i>Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (estético e filosófico- cosmovisão)</i>

Fonte: BNCC, 2018.

Tabela 2 - Legenda das siglas da Tabela 1.

Siglas	Descrição
EF	Ensino Fundamental
15	Referente aos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos
69	Referente aos 6º, 7º, 8º e 9º anos
AR	Artes
Dois últimos dígitos	Numeração das habilidades

Fonte: BNCC, 2018.

De acordo com a BNCC, há quatro dimensões que são destacadas por evidenciar as dimensões que exaltam o ser artístico e sua atuação na educação e no ambiente de sala de aula, são elas:

- **Criação:** onde refere-se ao fazer artístico onde os alunos produzem, criam e constroem. Tratando de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas.

- **Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

- **Fruição:** refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais.

- **Expressão:** refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

Através das dimensões acima indicadas, pretende-se possibilitar uma experiência significativa de Expressão, Criação, Estesia e Fruição com um ambiente que proporcione a valorização do processo individual na criação artística. Nesse contexto, a proposta é apresentar a temática do sagrado através dessas quatro dimensões.

Busca-se aprofundar a poética do Sagrado através da investigação sobre a cultura local e as diversas possibilidades de reinvenção sobre o sagrado individual de cada aluno, além de tornar-se uma temática de sensibilização artística na educação.

3.2 Material didático

O material didático é um instrumento pedagógico que contribui e serve de apoio para os alunos, sendo considerado todo o conteúdo que esteja relacionado à transmissão de conhecimento a determinada atividade pedagógica. Considerado de extrema relevância pois é

capaz de contribuir para a autonomia do aluno e promove uma descoberta estimulante sobre determinada área de estudo. (BELISÁRIO, 2003).

O material didático é o condutor de um conjunto de atividades que procura levar à construção do conhecimento, através de uma linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa garantir certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora (BELISÁRIO, 2003. p. 32).

Desta forma, é possível indicar que o material didático pode ser o fio condutor que realiza a mediação do conteúdo ao aluno, apresentando-o de forma que seja auxílio ao entendimento da área do conhecimento.

Os materiais didáticos são todos os recursos utilizados como elementos mediadores do processo de aquisição do conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e uma linguagem específica de cada disciplina. Apesar das diferenças consideráveis ao nível da concepção do conteúdo e do modo como estes materiais são utilizados, reconhece-se atualmente que a qualidade e a intensidade do processo de interação entre os alunos e os materiais contribuem de modo decisivo para o resultado do processo de aprendizagem. (MELLO, 2010).

De acordo com Mello (2010), o material didático faz parte do processo decisivo de contribuição para a formação do aluno, de forma que o aluno construa seu conhecimento de forma dinâmica e expressiva além de um olhar único do professor, mas tendo o auxílio de uma nova fonte criativa, além de textos há diversas possibilidades de formatos de materiais, observando o olhar de atração de cada público específico.

A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, Basarab. 1999. p. 52).

Quanto à transdisciplinaridade juntamente ao material didático é possível desenvolver no âmbito da sala de aula, este lugar de envolvimento além da própria disciplina, promovendo a discussão e um olhar referente ao momento presente mediante a realidade e ao recurso do material apresentado. Nas palavras de Paulo Freire” Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” e como estes se tornam perceptíveis através de seu lugar de entendimento com o auxílio do material didático.

Um exemplo de material didático usado como referência para a produção da presente pesquisa foi o da 29ª Bienal de São Paulo, sobre Arte e Política.

4. MATERIAL EDUCATIVO: SEU SAGRADO

4.1 Justificativas e formato

Partindo do olhar simbólico cultural para exemplo de aplicação na cidade de Santa Branca, e considerando os conceitos de competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular em Artes Visuais, a proposta de material didático foi pensada a partir da organização de diferentes Cartões: **1. Acolhida e Simplicidade; 2. Cidade Presépio; 3. o Sagrado na História; 4. Ação Vida; e 5. Caderno para Professores.** Cada cartão indica instruções para a descoberta do sagrado individual e tem público de aplicação o Ensino Fundamental I e II.

Os cartões foram planejados e confeccionados no tamanho 20x20cm, com impressão em papel couché de 300g. A seguir são apresentadas as imagens referentes ao material educativo “SEU SAGRADO” impresso e suas separações por conjunto.

Figura 16 - Caixa do material, SEU SAGRADO.



Fonte: A autora.

Figura 17 - Caixa do material aberto, SEU SAGRADO.



Fonte: A autora.

A caixa foi elaborada de modo a chamar a atenção dos alunos pelo seu aspecto cintilante e com detalhes que os fizessem lembrar de um presente, de modo que pudessem associar o recebimento do material com a alegria e afetuosidade.

Acolhida e Simplicidade

Em um primeiro momento, os Cartões Acolhida e Simplicidade são direcionados à abertura da temática do sagrado para os alunos, sendo este um acesso ao lugar íntimo e afetivo.

Cada cartão é composto por uma pergunta, ou indicação, abstrata, sendo elas:

- Quem faz parte do seu lar?
- Um presente para alguém especial.
- Que cor tem a palavra acolhida?
- Uma lembrança, um lugar.
- Qual é o seu refúgio?
- Um cheiro. Um lugar.

Como sugestão, propõe-se que sejam os primeiros cartões a serem apresentados aos alunos, como a introdução da identificação da temática.

Figura 18 - Cartões Acolhida e Simplicidade apresentação.



Fonte: A autora.

Figura 19 - Cartões soltos, Acolhida e Simplicidade.



Fonte: A autora.

Cidade presépio

Como Santa Branca foi o exemplo de aplicação a, os Cartões foram direcionados ao município, o qual propõe a identificação do sagrado como “lugar” e a partir dos conceitos apresentados, acolhida e simplicidade. Valores que direcionaram o codinome da cidade. Desta

forma, neste segundo momento os Cartões direcionam para a identificação do sagrado no cotidiano presente do espaço e lugar afetivo que é o lugar em que se mora.

Há uma explicação sobre os conceitos de Acolhida e de Simplicidade, bem como frases que convidam a dialogar e refletir sobre os aspectos da cidade: “Teu céu, o mais lindo que já vi”, “Ladeada de montanhas verdejantes”.

Também foram disponibilizados cartões em branco (sem nenhum conteúdo), planejados para que haja liberdade dos professores e/ou alunos de diferentes cidades desenvolverem seus próprios conteúdos, possibilitando a adaptação para melhor estabelecer uma relação entre a temática e o lugar de sua vivência.

Figura 20 - Frente dos cartões Cidade Presépio.



Fonte: A autora

Figura 21 - Verso dos cartões Cidade Presépio.



Fonte: A autora

Sagrado na História

Após o momento de acolhida e identificação do sagrado como valores e lugar afetivo, a proposta para este segundo momento é um olhar observador e significativo sobre a identificação do sagrado na história da arte ocidental. Para isso, os cartões contam com imagens de obras selecionadas de acordo com a pesquisa realizada, para que alunos observem estas imagens e dialoguem sobre a temática identificada e posteriormente realizem a leitura do verso, onde há uma breve apresentação sobre o sagrado para aquele determinado período.

Figura 22 - Frente dos cartões sagrado na História.

Figura 23 - Verso dos cartões sagrado na História.



Fonte: A autora.



Fonte: A autora.

Outro material de suporte para o conteúdo do sagrado percebido ao longo da história da arte são os Cartões em cor laranja, que auxiliam na leitura das imagens por meio de perguntas e afirmações abertas, para a identificação do sagrado e no diálogo sobre a obra.

Figura 24 - Cartões para leitura e diálogo Sagrado na história.



Fonte: A autora.

Ação vida

Os cartões Ação vida propõem frases “chaves”, relacionando cada período da História

da Arte à uma prática artística. Uma das formas que incitam os alunos a pensar sobre a temática e a realizar suas criações por meio da Arte.

Figura 25 - Cartões Ação Vida.



Fonte: A autora.

Caderno para professores

Como um direcionador de todo o processo, o educador tem um papel fundamental de promover um ambiente que estimule todo o desenvolvimento do material. Para isso, há o *caderno do professor*, o qual contém um manual de apresentação e de explicação, para melhor aplicação do processo de descoberta do sagrado.

Figura 26 - Capa do caderno para professores.

Figura 27 - Capa do caderno para professores.



Fonte: A autora.



Fonte: A autora.

Figura 28 - Caderno dos professores (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K).



A)

Fonte: A autora.

sumário

Introdução	p.5
Caderno para Professores	p.6
Proposta	p.7
Sua cidade	p.9
História da Arte	p.11
Ação Artística	p.13
Apreciação	p.18
Expectativas	p.20



4

Introdução

Este material educativo é direcionado ao Ensino Fundamental, a partir da temática do "sagrado" tendo como exemplo de aplicação a cidade de Santa Branca/SP para a associação entre o simbólico cultural, seu significado ao longo do contexto da história da Arte e produções artísticas para a investigação de seu próprio sagrado.



Acreditando na importância da Educação e da Arte na formação do indivíduo, este material é uma proposta para um processo de descoberta quanto ao sagrado individual.

5

B)

Fonte: A autora.

CADERNO PARA PROFESSORES

Este material propõe dimensões do conhecimento a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e também, como cada um pode ser aplicado no âmbito desta ação.



FRUIÇÃO Refere-se ao envolvimento do aluno ao se deparar com a temática.

ESTESIA Perceber a sensibilidade estimulada após o primeiro contato. O sentir.

EXPRESSÃO Estimular o aluno a pensar em como irá representar sua forma de expressão.

CRIAÇÃO Por meio da ação, torna-se material o que é imaterial.

6



PROPOSTA

A proposta visa ampliar e encorajar educadores a falarem e contribuírem para com seus alunos, abordado a temática do "sagrado" sem vinculá-lo a religiões, mas a oportunidade de apreciar as sutilezas da vida como grandiosas experiências diárias.



"A arte tem a potência de ativar sentimentos, percepções e reflexões que dificilmente viriam a tona de outra maneira, visto que ela lida com aspectos essenciais na perspectiva do sujeito individual e coletivo. Traduz em cada um de nós as reentrâncias e os abismos da alma, suas misérias e as belezas, promovendo encontros com que há em nós de mais humano."

Material da 29ª Bienal - 2010.

7



C)

Fonte: a autora.

COMO SERÁ?

O processo de identificação do "sagrado individual" está dividido em três partes:

SUA CIDADE

Um breve estudo sobre o simbólico cultural da cidade e como relacionar com a vida e sociedade.

Explicar aos alunos sobre o que é o "recorte" da história da Arte os direcionado e como identificar o sagrado em cada período.

HISTÓRIA DA ARTE

AÇÃO ARTÍSTICA

Após a observação e diálogo sobre a história da Arte e o sagrado, auxiliar para que em etapas seja realizado as ações artísticas de cada período.

8



9

D)

Fonte: A autora.

Algumas sugestões:

Mude o ambiente da sala de aula, seja criativo!

Por exemplo: um círculo ou uma aula fora do ambiente da sala de aula, aproveitando o ambiente externo.

Utilize os CARDS da temática ACOLHIDA| SIMPLICIDADE (seguindo o exemplo de aplicação sobre a cidade de Santa Branca) ou os CARDS em branco, se desejar realizar a atividade sobre sua cidade.

Ao separar os CARD referentes a cidade, promova um primeiro contato perguntando sobre o conhecimento pré-definido sobre o tema em um momento de escuta e após, utilize o CARD PRESÉPIO para contar a história inicial do codinome da cidade.

Priorizando a troca de conhecimento, escute-os quanto aos comentários referentes a história e distribua os outros CARDS de perguntas para que haja um momento de conhecer da temática e também, do outro.

10



11

E)

Fonte: A autora.



Algumas sugestões:

Utilize os CARDS da temática **SAGRADO NA HISTÓRIA**.

Distribua os CARDS e sugira que os alunos identifiquem sem ler o verso do CARD qual será a possível temática do sagrado na obra e o que representa para tal período, segundo a percepção da turma.

Após este momento de escuta e análise das obras de arte, sugira que os alunos escolham **UMA PALAVRA** para definir esta obra. Envolvendo a sensibilidade e **O QUE ESTA OBRA ME PASSA? ME LEMBRA ALGO?**

Para essa primeira atividade, utilize os CARDS DE PERGUNTAS presentes para desenvolver a análise da obra, promovendo uma escolha de palavras e por fim, a leitura do que esta obra representa para tal período.

12




AÇÃO ARTÍSTICA

Produção de Artes Visuais com base nos períodos da História da Arte, direcionando a identificação do sagrado individual.

13

F)

Fonte: A autora.



Algumas ações artísticas:

Utilize os CARDS da temática **AÇÃO VIDA**.

Após o momento de apreciação e o identificar o sagrado em cada período da história e como relacionar com a vida - como na cidade, inicia-se um o processo criativo para cada proposta:

PRÉ
HISTÓRIA

Como sugerido, é relevante identificar a **ARTE** como registro. Com isso, a temática relevante é direcionar os alunos com **que marca você quer deixar no mundo?**

Material sugerido: Pintura com Terra ou Tempera.

14

IDADE
MÉDIA

Arte como lugar de educar ao conhecimento de uma pessoa. Com isso, a temática relevante é direcionar os alunos o **MOSAICO** com a retratação da própria imagem.

Material sugerido: Papel para a produção do mosaico.

ROMAN
TISMO

Arte como extremos do sentir, a idealização e a luta por uma causa. Sendo a **INTERVENÇÃO ARTÍSTICA** no espaço uma proposta de envolvimento com o espaço.

Material sugerido: Fica a critério dos alunos e sua relação com o espaço.

15

G)

Fonte: A autora.

RENASCIMENTO

Arte como contar história no Sagrado. Com isso, a temática relevante é direcionar os alunos a **contar a uma história a qual identifiquem algo sagrado na vida.**

Material sugerido: Pintura com tinta ou então, desenvolver com a gravura para Fundamental II.

REALISMO

Arte como observação do que é real, sem idealizações. Podendo trabalhar a **FOTOGRAFIA DE RUA** ou fazer o **RETRATO** do colega.

Material sugerido: Fotografia impressa, ou fazer uma escolha do material para o retrato.

16

MODERNISMO

Para modernismo, a Arte como **cor e forma.** Auxiliar no processo de identificar no espaço as formas e o que elas me remetem.

Material sugerido: Recortes de papéis em formas geométricas, direcionando a composição artística de acordo com a temática escolhida pelo aluno.

CONTEMPORÂNEO

Referindo-se ao tempo presente. Podendo ser trabalhado diversas temáticas do sagrado.

Escolha um material e realize uma obra de arte de forma individual.

Material sugerido: Como é algo mais livre, deixe disponível uma "mala de memórias" com vários materiais e interaja com a criação.

17

H)

Fonte: A autora.



18

Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa:



Após do momento de contextualização sobre a temática, a ação artística no fazer, finalizamos com a **APRECIÇÃO.**

Como proposta, uma exposição artística dos trabalhos realizados, pensando em sua relação com o espaço de aplicação. Inserindo os alunos no planejamento, para que haja o total envolvimento e relação do artista e as Obras.

19

I)

Fonte: A autora.

expectativas

Enquanto professores, em diversos momentos geramos expectativas a nossos alunos e a atividade proposta. Esperando que seja uma experiência transformadora, quando na verdade precisamos nos conscientizar constantemente que o aluno é uma PESSOA e quando desenvolvemos o conceito da ESTESIA da BNCC, o SENTIR se refere a potência de sentir o que quisermos ou conseguir.

Com isso, o conceito principal dentre todos é o RESPEITO A RESPEITO À INDIVIDUALIDADE do aluno e seu sagrado em Vida.

Aproveite a experiência!

O sagrado se encontra nas pequenas nuances diárias.

20 21

J)

Fonte: A autora.

*Duas dúzias de coisinhas à toa
que deixam a gente feliz*

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
drops de hortelã,
grito do Tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

OTÁVIO ROTH

22 23

K)

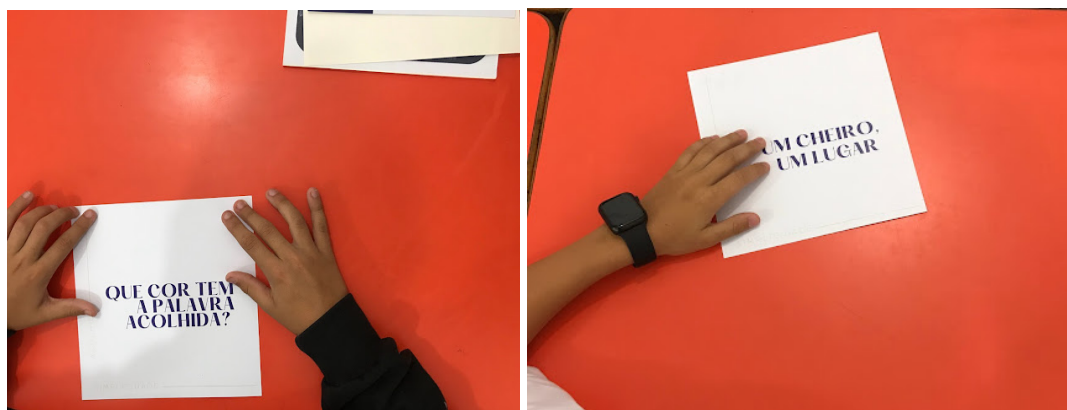
Fonte: A autora.

4.2 Aplicação

Houve a oportunidade de aplicação para oito alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I no Colégio Santa Tereza em Santa Branca-SP. A experiência de aplicação do material didático “SEU SAGRADO” foi de extrema importância possibilitar que o processo de pesquisa se tornasse algo concreto a partir da realização deste material.

A aplicação teve início com os **Cartões Acolhida**, após cada um dos alunos segurar um cartão, dialogavam sobre cada pergunta, havendo um ambiente de interação e grande animação para falar sobre sua experiência individual.

Figura 29 - Momento - Acolhida e Simplicidade.



Fonte: A autora. Aplicação, nov. 2021.

Os alunos usaram de seu repertório de vivências para dialogar com o trabalho, apresentando referenciais dos sentimentos que as cores transmitem, lugares e viagens que fizeram e também, o lugar significativo de familiares, como o cheiro da mãe, o abraço do irmão e a comida da avó.

Após as crianças identificarem o lugar como algo imaterial, houve um momento de identificação do espaço, do lugar e da cidade em que vivem, utilizando os cartões **Cidade presépio** e como a sacralidade está presente na história da cidade de Santa Branca de forma simples e que parte do imaginário. Em seguida, houve a distribuição dos cartões **Sagrado na história**, e o que mais chamou atenção da sala foi o cartão sobre o **Realismo**, a obra “Bom dia, sr. Courbet”.

Figura 30 - Descoberta do cachorro na obra.



Fonte: A autora. Aplicação, nov. 2021.

Os alunos ficaram intrigados como a obra reflete o cotidiano, neste momento, mencionaram elementos como as roupas das pessoas retratadas e principalmente a presença do cachorro e a roupa do “viajante”. Com o auxílio dos cartões para leitura da obra, utilizaram perguntas para imaginar situações, como por exemplo: “Você está viajando? Como é o nome do seu cachorro? Para onde você vai?” e após descobrirem o nome da obra e um pouco mais sobre o período lendo o verso do cartão, começaram a pensar em como retratar o “Bom dia que se dá ao colega” e as situações cotidianas identificando o que poderia virar uma obra de Arte e valorizando as situações que passaram a ver como interessantes em suas próprias vidas.

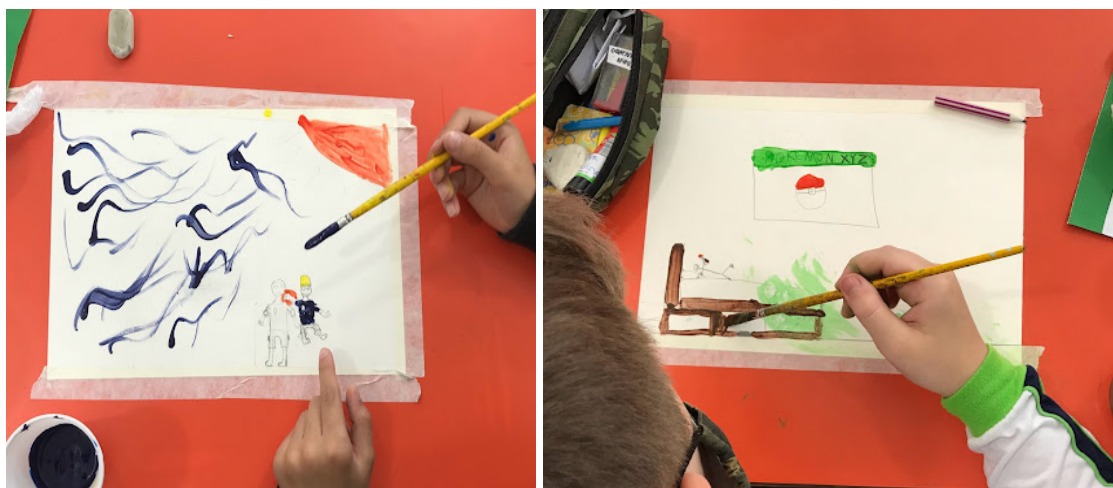
Partindo disto, utilizando os cartões **Ação vida** foi realizada uma produção artística com tinta guache a qual era a sugestão (também inserida no caderno dos professores) o retrato de um colega, ou então, como eles *quiseram realizar*, inspirados na obra apresentada, uma situação cotidiana.

Figura 31 - Ação vida, sagrado na Arte.



Fonte: A autora. Aplicação, nov. 2021.

Figura 32 - Produção artística, Realismo e cotidiano (A,B,C e D).



A)

B)



C)

D)

Fonte: A autora. Aplicação, nov. 2021.

O momento de aplicação foi de extrema importância para o presente trabalho, sendo um momento de identificação e total entrega dos alunos. O retorno quanto aos momentos significativos e observação da própria realidade na simplicidade do cotidiano, promoveu um momento de reflexão e que se tornou concreto através de suas produções artísticas, como por exemplo: andar de skate com o irmão, seu próprio quarto como lugar preferido, a mãe em estilo anime e também, a alegria ao jogar um jogo novo.

4.3 Resultado da aplicação

Sendo relevante pontuar enquanto educadora, os resultados da aplicação, enfatizo que um dos momentos mais marcantes que identifiquei no *caderno dos professores* foi quanto às *expectativas*, pois ao decorrer do desenvolvimento da atividade, consegui perceber que algumas crianças tiveram dificuldade em falar de suas próprias vivências de forma sensível. Quanto a isso, percebi que não se tratava mais sobre as minhas expectativas quanto ao resultado final, mas sobre o momento presente. O sagrado se encontrou no *respeito* e no entendimento de que enquanto alunos, estavam ali para ter uma primeira experiência e sentir o que conseguissem, naquele momento.

Foi possível perceber também que uma aula não foi suficiente para a aplicação, dividindo os momentos entre a introdução e a prática. Sendo assim, como desenvolvimento de uma atividade processual, é recomendada a utilização de mais de uma aula, para separar por temas a dinâmica e suas respectivas produções artísticas. Porém, mesmo que a atividade tenha se estabelecido em pouco tempo, foi muito comovente e empolgante presenciar o entusiasmo das crianças para falar de suas experiências e o interesse em conhecer as obras, experienciando algo novo. Apresentando no final uma variedade de “resultados”, ressaltando a diversidade do “sentir”, a diversidade da estesia, que varia de pessoa para pessoa.

Durante a aplicação do Material didático houve a necessidade de uma adaptação na linguagem de apresentação por se tratar de uma temática complexa para a faixa etária da turma. Mas foi possível explorar de forma mais lúdica e trazer para a realidade deles a proposta. Recomenda-se, para uma abertura completa, a mudança do público educacional do presente material para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

Por fim, após as produções artísticas em um momento de diálogo percebi que para aquela turma, o sagrado no cotidiano como algo real estava relacionado com o **lugar, o imaginário e as pessoas**. Os quais foram os motivos iniciais que motivaram a realização do presente trabalho. A motivação quanto a percepção da sacralidade presente na simplicidade, na Vida. Em um dos casos, uma criança pintou duas sereias em uma piscina e, ao perguntar o que significava, visto que a temática parecia se distanciar do realismo, ela falou sobre gostar de brincar de sereia na piscina com a amiga, e que isso era importante para ela. Neste momento, percebi que o material tinha auxiliado na percepção dos alunos quanto ao que consideram importante como sagrado na vida, este processo de identificação do sagrado individual a partir do conceito da estesia, na BNCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível apresentar e aplicar em sala de aula o material educativo que propõe a descoberta do *sagrado individual* fundamentado no estudo simbólico cultural da cidade de Santa Branca/SP e no recorte na História da Arte. Propondo assim, que a continuidade do trabalho e o desenvolvimento do material seja para os anos finais do Ensino Fundamental II e para o Ensino Médio, podendo ser adaptado pelos professores para aplicação ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. Companhia das Letras, 2006. 689 p.
- AMARAL, Leila. O Sagrado demasiadamente humano na Arte Contemporânea, 2003.
- ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 320 p.
- BRANCO, José. Arte Bizantina, 2008.
- BULHÕES. Maria Amélia. Arte contemporânea, o pensamento irreligioso do sagrado, 1997.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: mar. 2021.
- BANDEIRA, D. Material didático. Curitiba, PR: IESDE, 2009. p.456.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA BRANCA. Santa Branca, a Cidade Presépio – Com Natalee Neco e Sarkis Alwan. Disponível em : <https://youtu.be/XyxrBaa7YRY>. Acesso em 18 mar. 2021.
- CHAVES, Wilson. Poemas do autor. Disponível em: <https://www.facebook.com/wilson.chavesdesousa>. Acesso em: mar. 2021.
- CUTI, Auriele Fogaça; MACIEL, Filipe Bassan Marinho; NAOUMOVA, Natalia. Satisfação com o ambiente da cidade pequena: aspectos que influenciam a percepção de moradores e visitantes, 2020. p. 24 e 25.
- CAMPOS, Judas Tadeu. A educação do caipira: sua origem e formação. Taubaté, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nBXV455cqqVZQ6x8RpnFp7s/?lang=pt>. Acesso em mar. 2021.
- COSTA, Paulo Santos. O sagrado e a arte. Disponível em: <https://mais.scml.pt/museu-saoroque/o-sagrado-e-a-arte/>. Acesso em: mai. 2021.
- CATTANI, Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa, 2002.
- CORDOVIL, Daniela. A experiência mística e o sagrado na obra de Marina Abramović, 2020.
- DARÉ, Paula Serafim. O corpo na produção artística da Arte medieval, no renascimento e no Maneirismo, 2018.
- ELIADE, Mircea – O Sagrado e o profano, 2018. 200.p
- ITAÚ CULTURAL, Enciclopédia. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana-paulino>. Acesso em: Ago. 2021.
- FARIAS, Agnaldo. A vida e obra em movimento contínuo, Instituto Tomie Ohtake. Disponível em: https://www.institutotomieohtake.org.br/o_instituto/interna/vida-e-obra-em-movimento-contiuo. Acesso em: Set. 2021.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Em 1987. 245 p.

GAUTIER, Ana Maria Uchoa. *Indicadores Culturais para tempos de desencanto. Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

GOMBRICH, A história da Arte. 1972. 1046 p.

GUEDES, Ângelo. *Wassily Kandinsky: “Do Espiritual na Arte” e a proposta de sonoridade interior*. São Paulo, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Psicologia social, saber, comunidade e cultura*, 2004.

JAMES TURREL, disponível em: <https://anachronichybrid.wordpress.com/2016/09/07/featured-content/>. Acesso em: ago. 2021.

J.W. GOETHE, *Os sofrimentos do jovem Werther-goethe*. 1774. 176 p.

KANDINSKY, Wassily. *O espiritual na Arte*, 1914. 284 p.

LACERDA, Mitsi Pinheiro. *A cidade pequena, a escola e o cotidiano interrompido*. Brasil, 2013. Acesso em mar. 2021.

LEITE, M. N. CASTRO, V. M. de; CISNEIROS, D. *Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE: Reflexões Sobre o Lugar dos Mortos na Paisagem*, 2014. Acesso em 2021.

LIMA, Danubia. CASTRO, Viviane. MORAES, Flávio. *O Sítio Furna do estrago em Pernambuco: Uma análise de Gênero*, 2019.

MIRANDA, Antônio. *Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdo*. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, 2000.

MOREIRA JÚNIOR, Mário Fiore. *Charles Baudelaire e a Análise da Obra Romântica de Eugène Delacroix*. São Paulo 2012.

MELLO, Regina Lara Silveira. *O processo criativo em Arte: Percepção de Artistas Visuais*. Campinas, 2008.

MARQUES, Marisa. *Arte Românica*, 2008.

MELLO, P. E. D. *Materiais didáticos para a Educação de Jovens e Adultos: história, formas e conteúdo*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2010. p. 254.

MOTA, Anabela. *Que luz é esta que nos faz ver através do tempo*, 2016.

MARIOVET, Salomé. *O renascimento do elo unificador do real na pintura de Kandinsky e Rothko – à luz da espiritualidade da Nova Era*, 2016.

MYCZKOWSKI, Tatiana e SCHULTZ, Rafael. *Identidade tecida: Rosana Paulino costurando os sentidos da mulher negra*, 2015.

NICOLESCU, Basarab. Manifesto da Transdisciplinaridade, 1999.

OHTAKE, Tomie. Instituto. disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/>. Acesso set. 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Estesia e experiência do sentido. PUC, 2010. Acesso em 2021.

OLIVEIRA, Genori da Silva. Geração Alpha entre a realidade e o virtual sujeitos digitais. Ijuí, 2019. Acesso em 2021.

OHTAKE, Tomie, Catálogo da Exposição Retrospectiva. p. 20.

ORLOWSKI, Jeff., O dilema das Redes, Filme 2020. Acesso em Jun. 2021.

PREFEITURA municipal de Santa Branca - Disponível em:
<http://santabranca.sp.gov.br>. Acesso em Mar. 2021.

PEREIRA, Paulo Fernando de Souza. SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira. O homem da arte de escrever e pintar Deus: uma comparação simbólica na pintura “a criação de Adão” de Michelangelo e nos “poemas malditos, devotos e gozosos” de Hilda Hilst. 2017.

PATRIOTA, Maria Eduarda de Proença Rosa. O impacto da tecnologia interpessoal da Geração Z. Brasília 2015. Acesso em 2021.

PIO XII, Encíclica sobre Música Sacra em 1955.

PICOLI, Gilmarcia da Silva. Sobre a dor do existir: A configuração da melancolia em poemas românticos brasileiros, 2019.

PRIETO, Antonio Gonzáles e TELLO, Antonio. Coleção Folha, grandes mestres da pintura em 2007.

QUEIROZ, Rodrigo Danúbio. NUNES, Antônio. A experiência do tempo no sagrado e no profano à luz da interpretação do tempo no sagrado e no profano à luz da interpretação de Mircea Eliade. Acesso em 2021.

RUSHKOFF, Douglas. A internet é ácida e a América está tendo uma má viagem – Como podemos alucinar nosso caminho de volta à sanidade, 2018. Acesso em junho de 2021.

RIBEIRO, Raquel Alexandra de Oliveira da Silva. Romantismo - Contextualização histórica e das artes. dezembro de 2010. Acesso em 2021.

RUSHKOFF, Douglas. Choque do presente: quando tudo acontece agora, 2013.

ROSEFELD, Anatol. Romantismo e Classicismo, 2005.

REGO, L. e Santos, L., Tomie Ohtake. São Paulo. Ed. Moderna, 2003.

SILVA, Alcione. O sagrado e o profano na autonomia do moderno. Porto Alegre, 2013. Acesso em 2021.

SORIANO, Joan. Coleção Folha, grandes mestres da pintura em 2007.

PAULINO, Rosana. Disponível em :
www.rosanapaulino.com.br. Acesso em set. 2021.

TVARDOVSKAS, Luana. Tramas feministas na arte contemporânea brasileira e argentina:
Rosana Paulino e Claudia Contreras, 2013.

ANEXO A

Música: Waldemar Salgado

Letra: Benedita Pereira de Albuquerque

“És a terra querida da saúde.
Teu céu, o mais lindo que já vi.
Tens um quê de poesia que não pude
Explicar nestes versos que escrevi.

Ladeada de montanhas verdejantes
Tens no centro bem alto a tua cruz
Cravejada de Lâmpadas Brilhantes
Que nos lembra o madeiro de Jesus

Acolhe todo aquele que procura
Abrigo no, teu solo hospitaleiro
Neste Mundo de tantas desventuras
Não desprezas o pobre forasteiro.

Deus te guarde bendita Santa Branca
Para orgulho de um povo varonil
Que em teu solo a tristeza estanca
Bendizando o glorioso Brasil”

ANEXO B

O LUAR DE SANTA BRANCA

Minha amada Santa Branca
 Não é por acaso do teu slogan
 Terra amada, Cidade Presépio
 Nossa gente laboriosa
 Nossa cidade toda prosa.
 Nasceste sob o signo da cruz
 A Padroeira que nos conduz
 O casario nas colinas
 Ladeadas das verdes montanhas
 Nosso orgulho nas entranhas.
 Brilha o sol ao raiar do dia
 Nossos pássaros em sinfonia
 Nosso povo ao labor
 Sob as bênçãos de Nosso Senhor!
 Ah! Mas quando é noite de luar
 Mais vontade tenho de te amar
 A lua branca na colina
 A luz de prata iluminando
 Meus pensamentos viajando...
 Santa Branca no meu tempo menino
 Essa mesma lua que nos visitava
 Ali no céu nos alumando
 Ouvindo as meninas cantando
 Saudosas cantigas de roda...
 “Se essa rua, essa rua fosse minha
 Eu mandava, eu mandava ladrilhar
 Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
 Só para, só para o meu amor passar...”
 Ali naquela mágica rua menina
 Uma via reta e suas esquinas
 Morava a fantasia infantil
 Até a lua ali parava
 Quem sabe, emocionada
 Por ser nossa bela namorada!

Wilson Chaves

ENTARDECER NA MINHA TERRA.

Entardecer na minha terra amada traz um certo quê de saudade! O sol quase em despedida se esvaindo por entre as distantes montanhas do lugar.

O casario silencioso vagorosamente vai se iluminando para receber a noite que se aproxima, a volta dos laboriosos homens por mais um dia vencido.

Minha terra querida, meu pedacinho de chão, como gosto de você bem assim do jeitinho que és, a simplicidade, pequenina Santa Branca tão rica nas suas tradições.

Berço dos poetas por vocação, talvez inspirados por suas belezas naturais, o ar que se respira, o sorriso eterno do nosso povo, a festividade e a honrosa hospitalidade.

Venho de um tempo distante onde conheci tanta gente famosa, raízes da nossa história, da nossa cultura popular.

Conheci e participei de tantas tocatas das belas serenatas que se faziam por aqui. Conheci as famosas contadoras de histórias de assombração que o menino ainda tremia muito de medo.

Muita coisa mudou desde então, porém a magia do cenário é imutável, sempre haverá um novo amanhecer. Sempre haverá um belo entardecer como forma de agradecer a Deus por mais um dia de presente.

Imutável também, é meu amor por esse pedacinho de chão! Passamos nós os homens, findam capítulos da história, eternize você minha Santa Branca com toda sua glória!

Wilson Chaves